PARA TODOS
ANNO XI NUM 535
16 MARÇO
1929
PREÇO 1$

"IMITAÇÕES . . . ?
—Não em minha casa!"
O uso de uma imitação ou de um succedaneo, em lugar da excellente CAFIASPIRINA, é uma imprudencia que póde ter más consequencias.
Por isso, em todo o lar cuidadoso taes productos são recusados em absoluto, e só se acceita a legitima
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
"esta e nenhuma outra"!
E' o unico remedio que se póde administrar a qualquer pessoa da familia sem receio, pois dá sempre rapido allivio e nunca affecta o coração nem os rins.
Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, cólicas menstruaes e rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

Quanto dura uma Lua de Mel?

Dura ás vezes uma lua: - dura emquanto permanece o ar contente que reflecte o estado d'alma venturoso da joven esposa.

Mas a alma não governa o corpo. Os soffrimentos physicos apagam das physionomias os vestigios das alegrias interiores.

As senhoras, sob a ameaça permanente de seus Incommodos, nunca podem ter a segurança de não soffrer, a menos que estejam devidamente esclarecidas quanto ao meio efficaz de combater os seus males. E' indispensavel, pois, saberem todas que "A Saude da Mulher" é o remedio infallivel das Flores-Brancas, das Suspensões, das Regras Demasiadas, das Colicas Uterinas.

Sob a protecção d'"A Saude da Mulher" pode uma lua de mel durar o que dura a mocidade, porque o seu emprego evita que aquellas doenças venham a desencantar tão doce phase.

Tanto para as jovens esposas, como para as senhoras em geral, a saude se encontra num simples frasco do grande remedio

A SAUDE DA MULHER

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

TRAIDOR!

Quando os enfermeiros trouxeram para a sala de visitas do meu sanatorio o ébrio que tinham encontrado estendido, ao largo do humbral da porta, tive um impeto de revolta:

— Tirem esse homem daqui! E' mais um candidato á prisão!

— Nós o teriamos levado a São Lazaro, se tivessemos tido tempo — respondeu-me um enfermeiro. — Mas elle morreria antes de chegar. Se não o soccorrermos quanto antes, teremos de o levar é para o cemiterio... Não parece um typo qualquer. Está bem vestido... No entanto, se o doutor...

Não o deixei terminar. De repente fui vencido pelo meu dever; e, inclinando-me sobre o desconhecido que, deitado na maca, parecia realmente morto, examinei-o rapidamente. Tratava-se de um caso gravissimo de embriaguez lethargica. Auxiliado pelos enfermeiros que o despiram, fiz-lhe uma minuciosa lavagem gastrica, recorrendo depois á ducha fria e, por ultimo, ao sacco de gelo sobre a cabeça. Poucas horas depois, deitado numa cama da sala n. 6, o desconhecido parecia outro homem: arranjado, limpo, quasi sereno.

Apenas achei que pudesse falar, interroguei-o, fitando-lhe com curiosidade o rosto descarnado, pallido e illuminado por dois olhos azues dulcissimos.

— Quem é o senhor? De onde vem? O que fez para se embriagar de modo tão inconveniente?

Por toda resposta, o desconhecido fechou os olhos e estremeceu, como tomado de repentino terror.

— Não póde falar? Não póde me responder? Preciso saber.

— Falarei, mas o senhor não me acreditará — respondeu, tornando a abrir os olhos. — Todos são assim. Quem sou? Um morto. De onde venho? Logo se percebe: do outro mundo. Por que me embriaguei? Tinha sêde e bebi uma garrafa inteira de "cognac". Como ir buscar a agua? E se encontrasse um inimigo? Acaso, para um morto não são iguaes todos os liquidos? O extraordinario é que se possa perseguir um morto. Até depois de morto, todos me perseguem com o seu odio, com a sua raiva feroz de destruir-me, para arrancar-me d'alma um pensamento terrivel que é meu, só meu. E o senhor tambem; salvou-me para me roubar esse pensamento. Mas não o conseguirá. No começo, quizeram me fazer morrer pela segunda vez. Disseram-me: "Vae, corre á sala da Morgue. Ha um desconhecido que morreu afogado. E's tu! Fui vel-o: não era eu. Comprehende até que ponto me perseguem?

E, com uma loquacidade que atordoava, misturando palavras allemãs, francezas e inglezas, aggrediu-me com um sem numero de narrações incoherentes, salpicadas de improperios e ameaças, porém, sem me revelar nada de si-proprio. Era um louco, terrivelmente affligido pela mania de perseguição. Em suas roupas não se encontrou senão: um pouco de dinheiro, um relogio com a corrente de ouro, um lapis, uma caneta-tinteiro, dois lenços sem iniciaes e nem um só documento.

Pois bem: depois de denunciar o caso ás autoridades, resolvi curar aquelle louco, embora realmente não soubesse o que poderia esperar delle; e curei-o pacientemente, com verdadeira paixão, deixando-o completamente são ao cabo de um anno. De modo que, intelligente como era, e polyglotta alem disso, serviu-me logo de não pouco auxilio na administração do meu estabelecimento, que lhe confiei.

Mas não consegui saber quem era. Sobre esse ponto guardava silencio absoluto. Não obstante a sua cura, continuava mais tetrico do que nunca, como se estivesse devorado por uma louca e secreta angustia, da qual lhe fosse impossivel evadir-se.

No entretanto, eu esperava, paciente e curiosamente. Conhecia essas crises. São a accumulação, no cerebro, de sensações terriveis, que adquirem o predominio.

Estava certo de que um bello dia o desconhecido falaria, revelando-me o seu segredo. O desenlace fatal devia chegar logicamente. Assim, não me surprehendi quando o desconhecido veio me procurar uma noite, no meu gabinete de trabalho.

Estava muito pallido e com os olhos brilhantes de febre. Sentou-se junto a minha escrevaninha e falou:

— Chegou a hora. Dir-lhe-ei tudo. Já não posso mais. Tenho aqui dentro um peso que me esmaga. Quero livrar-me delle. Do contrario, morreria. O senhor, caro doutor, tinha adivinhado que eu não era "qualquer um". Eu, Hugo Fresnel, ha quinze annos, era riquissimo. Orphão de pae e mãe, criado e educado por um tio materno, apenas chegado a maioridade, rompi o freio, em demasia rigido, de uma ferrea tutela que nada tivera de affectuosa, e me entreguei á uma vida dissoluta, desenfreada, sem discreção nem medida. Devo dizer, entretanto, em honra da verdade, que só se tratava de uma rebellião passageira, que se extinguiu ao conhecer a que seria o meu primeiro amor. A eterna historia: mas sempre grande, sempre sublime.

Conheci Carlota, a minha tragica Carlota, num concerto de beneficencia. Era uma belleza perfeita. Loira, alta, delgada, olhos negros de um languor magnifico, sorriso de rainha. Fiquei fascinado. Senhor dos meus actos, rico e livre, estendi a mão sobre aquelle fructo soberbo, que muitos haviam em vão cobiçado.

Carlota era filha de um coronel reformado, cavalheiro rude e severo que, no dia seguinte ao do concerto, quando me apresentei francamente a elle, afim de lhe pedir a filha em casamento, acolheu-me com uma gentileza superficial toda sua, que parecia feita de aborrecimento e contrariedade, respondendo-me:

— Meu amigo, peço-lhe que tranquillise o seu coração. Não será você o primeiro nem o ultimo dos que se desiludem de obter a mão de minha filha. E tudo isso, muito a meu pezar. Já estou cansado desta historia. Minha filha é uma cabecinha sagaz e astuta, que sabe agir por si só. Porém, como não tem mãe, eu gostaria de vel-a casada. Mas obstina-se em continuar solteira, apezar de já ter feito vinte e cinco annos.

— Magnifica idade! — respondi banalmente.

— E, vejamos: você foi apresentado á minha filha?

— Não; vi-a hontem pela primeira vez, no concerto de beneficencia, auspiciado pelo Patronato "Pró-Infancia"... e...

...E, calei-me de subito, estupefacto. Por traz do coronel, que estava sentado na minha frente, eu tinha visto entreabrir-se um reposteiro de damasco e apparecer — esplendida visão de um minuto — o rosto divino de Carlota. O reposteiro fechara-se novamente, mas eu comprehendi que a moça ficara occulta por detraz, escutando. Mas como o coronel fizesse um leve gesto de impaciencia, continuei logo:

— E fiquei subjugado não só pela surprehendente belleza de sua filha, como tambem pela sua conversação brilhante e rica em pensamentos profundos, de pessoa extremamente culta. Estava sentada a meu lado, e eu pude ouvir desde a primeira até á ultima palavra da sua palestra, com uma joven amiga. Tive então a subita intuição de que seria feliz

com sua filha, e que ella commigo o seria tambem, pois estou certos de que os nossos espiritos se assemelham a perfeição.

— Qual o quê ! Fogo de palha, meu caro. De toda a maneira, você não trocou palavra alguma com ella. E quer que eu diga á minha filha: "Ha um senhor Fulano de Tal que veiu te pedir em casamento", para que ella me responda: "Outro illustre desconhecido ? Mande-o para aquelle paiz !" Deseja isso ?

— Naturalmente. Desde que para "aquelle paiz" eu possa ir, em viagem de nupcias, com a sua filha. E, se os gracejos não lhe agradaram, digo-lhe simplesmente: apresente-me a ella de uma vez. O resto virá depois. Pelo menos assim o espero.

O coronel ficou um instante perplexo; depois me respondeu sorrindo:

— Depois de tudo, você me agrada, rapaz. O seu nome faz-me lembrar um capitão, amigo meu, Ignacio Fresnel, um trocista numero um, que conheci em Solferino.

— Meu pae ! — exclamei profundamente surprehendido.

— Deveras ? Ignacio Fresnel, capitão-medico, que abandonou subitamente o serviço, e a quem não tornei mais a ver ?

— Sim, elle mesmo.

— E' um caso extraordinario. Na vida, ha sempre que esperar alguma cousa. Fico satisfeito de o conhecer, meu amigo. Pois bem: quer vir esta noite fazer um pouco de musica com a minha filha ? Ella arranha o violino e atormenta o piano. E você: não vitupera nenhum instrumento ?

— Toco saxophone — respondi-lhe alegremente. — Mas juro-lhe que o senhor nunca me ouvirá.

— Começo a estimal-o. Obrigado. Venha esta noite, então, para eu lhe apresentar minha filha. E... e falaremos tambem sobre o seu pae !

Após um momento de descanso, o desconhecido proseguiu:

— Carlota e eu logo nos entendemos ás mil maravilhas. Viviamos um para o outro. Um phrenesi de amor tão delirante, que na plenitude da felicidade, vimo-nos um dia casados, quasi sem saber como.

Assim, completamente felizes, vivemos dois annos.

Um dia, em que me dirigia as minhas propriedades para conferenciar com os meus colonos e meus administradores, encontrei um velho amigo de infancia, um "farrista" alegre e jovial que me perguntou logo o que eu fazia de bom, após abraçar-me. Contei-lhe o meu feliz casamento, e elle se mostrou em seguida muito surprehendido.

— Ah ! Então casaste com a bellissima filha do coronel Tersille !... — exclamou elle. — Eu conheci por acaso a outra filha delle, a irmã de tua mulher. Que belleza tambem a della, não ?

— A irmã de minha mulher ? — exclamei attonito. — Mas Carlota não tem irmãs !

— Não tem irmãs ? Como ? Comprehendo... Elles te occultaram... Fui um estupido. Não devia ter falado. Sinto muito.

— Não, não ! — repliquei com impeto. — Póde ser um engano teu. De toda a maneira, quero saber. Não me deves esconder nada, nada !

— Agora já não ha remedio. Deverás saber por força. Sim, conheci Laura, tua cunhada... uma belleza prodigiosa... E' uma cortezã admiradissima, a famosa Judith de Loisy.

— Judith de Loisy, irmã de minha mulher ! E' impossivel ! Ha tempos ouvi falar della, enthusiasticamente, em Monaco, da sua belleza e do seu espirito, que dizem extraordinario, mas não a vi nunca. Se fosse como dizes, por que teriam-me occultado o facto ?

— Meu amigo, sabes melhor do que eu, que o coronel, teu sogro, é um homem austero, á moda antiga. Pois bem: renegou essa filha perdida, obrigando a outra a nunca mais nomeal-a. Emfim: não é uma deshonra para ti nem para elles. E' sómente uma desgraça. Muitos outros, de espirito rasteiro e principios moraes rebaixados, talvez se honrassem em ter uma filha e irmã, que fosse amada até por soberanos. —

Parecia-me ouvir o meu amigo, como em sonhos. Nem me lembro como nos separamos.

Ao chegar á casa, narrei o succedido á Carlota. Ella teve um terror tão indescriptivel e exaggerado, que, para acalmal-a e dar-lhe animo, compadeci e defendi inconscientemente a sua irmã. Ai, qué imprudencia a minha ! Carlota não m'o agradeceu. Emfim, rogada e supplicada, narrou-me em todos os detalhes a historia cheia de aventuras da irmã. Terminou, dizendo:

— E agora, que sabes tudo, deves jurar-me que nunca desejarás conhecel-a.

Aquella imposição me contrariou profundamente; e, não podendo occultar o meu espanto á Carlota, respondi-lhe:

Carlos Daddone

— Por que devo fazer-te esse juramento ?

— Porque é o teu dever. Porque essa mulher é uma "vampiro", á qual homem nenhum póde resistir. Porque... porque a nossa felicidade e o nosso amor cahiriam despedaçados a seus pés. Ella poderia vingar-se facilmente em ti, do nosso esquecimento, e de papae e eu a termos renegado. Minha irmã não nos esqueceu. Ella tem um caracter estranho, uma alma extremamente sensivel e mysteriosa, capaz de nos amar ainda. A seu modo, naturalmente. De vez em quando, escreve a papae, que apezar da letra do sobrescripto estar sempre mudada, se descobre que a carta é de Laura, rasga-a sem a abrir. Portanto, tu não deves conhecer nunca a minha irmã, entendes ?

Não tive coragem de responder-lhe nem sim nem não. Sentia-me vencido por uma curiosidade morbida, a respeito da "outra". Por que não conheceria a minha cunhada ? Sem que eu o percebesse, a grande peccadora me attrahia já com a ardente fascinação do seu mysterio.

Vendo-me tão indeciso, Carlota chegou para mim, forte e imperiosa como eu nunca a vira; e, apertando-me os pulsos, gritou-me no rosto:

— Quero que jures ! Jura-me que nunca procurarás conhecer minha irmã !

Quasi tive medo; e, para evitar aborrecimentos, mentilhe pela primeira vez:

— Prometto solemnemente tudo quanto me pedes.

— Jura !

— Juro.

Porém, quanta amargura me deixou n'alma essa maldita mentira ! Porque, ao mesmo tempo que jurava, dizia de mim para mim: "Verei minha cunhada. Tenho a certeza. Não posso evital-o".

Continuei amando a minha esposa; mas tinha sempre n'alma a lembrança de sua irmã, e, nos olhos, uma visão de provocante e refinada luxuria creada pela minha fantasia excitadissima. Judith de Loisy ! O idolo erotico da alta sociedade ! A bella entre as bellas ! A inattingivel ! E a ansia de vel-a tornava-se cada vez mais ardente em mim, tanto mais quanto eu devia escondel-a absolutamente; mas não cessava

de aguardar o instante opportuno, para a realização do meu intento.

Meu sogro viera morar comnosco. O pobre velho, arthritico e gottoso, não podia se mover da sua cadeira. Um dia, em que eu estava sósinho em casa, recebi das mãos do carteiro uma carta destinada a meu sogro. Era de Laura, de minha cunhada. Não podia ser de mais ninguem. Vinha de Monte-Carlo... Resolvi apoderar-me della. Queria lêr, queria saber... O coração me pulsava com tanta violencia que quasi me suffocava. Fechei-me no meu quarto e abri o enveloppe, lendo.

Era de Laura. Mais uma vez manifestava, com impetos indiziveis, a sua ternura pelo pae e pela irmã. E sem esperar nada ! Senti-me commovido até ás lagrimas... e o que fiz immediatamente, foi o começo da minha ruina. Sem hesitar um instante, respondi logo á minha cunhada desconhecida.

Uma carta, vibrante já de surda paixão e de paradisiacas esperanças. Naturalmente dei-lhe um endereço secreto.

Ella me respondeu com enthusiasmo. Parecia finalmente reviver, ligando-se com indomito fervor a um fio do seu passado. Queria saber minuciosamente do pae e da irmã; eu lhe respondi com o mesmo ardor, falando-lhe longamente de mim e pouco de seu pae e Carlota... pedindo-lhe, como uma graça celestial, que me enviasse o seu retrato..., que el'a me mandou o mais depressa possivel.

Que maravilha ! Judith de Loisy assemelhava-se estranhamente á sua irmã Carlota, dominando-a em belleza, de modo violento e suggestivo, a tal ponto que fiquei como allucinado.

Continuámos assim a nossa correspondencia com uma paixão tão crescente, que então eu, abatido pela mesma felicidade que era forçado a occultar, quasi já não ousava levantar os olhos para Carlota. O pensamento de que deveria corar deante della me desesperava horrivelmente.

E, entretanto, continuava amando minha mulher; amor que se transformou em adoração quando me revelou que ia ser mãe, finalmtnte.

Mas isso, para mim, não foi senão um parenthesis de sonho. Uma especie de constante somnambulismo. De tal modo que não hesitei quando Laura me escreveu: "Vem, Hugo ! Chegou a hora. O destino o quer". Não me foi difficil achar uma desculpa para Carlota.

E voei para Monte-Carlo.

Foi uma loucura sublime. Min'alma vibrou lyricamente em minhas palavras electrizando a grande cortezã, que já não soube mais recordar a sumptuosa multidão dourada dos seus cem adoradores. Assim decorreram quatro dias, de embriaguez, de sol e de amor.

Ao partir de Monte-Carlo eu desejaria morrer.

E quando voltei a abraçar Carlota, senti que alguma cousa de inestimavel valor morrera em mim... Ella, entretanto, começou a perceber que eu não era o mesmo de antes, mas não me disse nada. Isso não impediu que eu continuasse multiplicando as minhas excursões áquelle maldito inferno de belleza, que é Monte-Carlo, onde a roleta fatal tambem me subjugou. Perdi grandes sommas, o mesmo succedeu com a minha cunhada. Mas, que importava ? A nossa embriaguez de amor era continua. Viviamos a hora presente, sem passado e sem futuro. E quando nos achámos prosaicamente sem dinheiro, resolvemos não mais nos separarmos. Porém, como eu não podia deixar Carlota, em vesperas de ser mãe, quiz que Laura viesse audazmente morar na nossa mesma cidade.

A "exquise" mundana era em demasia bonita e elegante, para não ser logo notada e admirada, de modo que, não muitos dias após á sua chegada, minha mulher soube da sua presença, e falou-me, olhando-me nos olhos, com os seus, que brilhavam de raiva, tanto mais terrivel, quanto mais comprimida no intimo do seu sêr.

Sob aquelle olhar empallideci. Essa pallidez foi para Carlota uma revelação. Ah ! As mulheres ciumentas possuem, de facto, uma segunda vista ! O olhar della estava impregnado de um tão feroz desprezo que eu sem tornar a ser interrogado, envilecido já, jurei-lhe que sempre lhe fôra fiel; que nunca a trahira, que sua irmã, para mim, era como se não existisse.

Assim, começou para mim uma dupla vida maldita, dolorosa de ansias e de temores, de atroz remorso em minha casa e de sublime abandono em casa de Laura, na intimidade da encantadora sereia que annullára toda a minha vontade.

Quando penso com que phrenesi ella me amava ainda me sinto perturbado. O desejo absurdo e louco de centuplicar o fogo do nosso amor arrastou-nos ao uso immoderado do "haschich". A cocaina ainda era desconhecida. Mas os

effeitos letraes eram os mesmos. Assim, com olhos somnolentos e alma ausente, voltava, depois das orgias, para junto de minha mulher. Ella sabia. Estava certo de que sabia. E, no entanto... eu desejava que não soubesse ! Cada olhar seu me dava uma terrivel sensação de angustia. Eram horas tetricas as em que Carlota e eu conversavamos de cousas banaes, emquanto a tempestade rugia nas nossas almas...

Quantas, quantas vezes, nos mesmos instantes em que o coronel se queixava lugubremente, na sua poltrona, eu tive impetos de dizer:

— "Carlota, bate-me, insulta-me, sou um miseravel, injuria este homem, indigno de ti e cahido no lodo. Nossa casa marcha para a ruina, e eu me perco insensatamente, subjugado por um amor infame..."

Mas os meus labios permaneciam fechados; e eu me sentia tanto mais miseravel, quanto mais nobre e austera se me afigurava minha mulher, em sua imminente maternidade.

Nasceu o meu Nino adorado; um pequeno sêr vivaz e são que me fez chorar de alegria e orgulho, emquanto abraçava a mãe que tambem chorava. Mas o episodio foi para mim apenas uma pausa. E, poucos dias depois, voltava aos braços da outra.

A minha extrema ruina financeira, que podia ser imminente, eu a escondia de todos. Meu sogro morrera. Um acontecimento macabro: um caixão, cyrios accesos, flores. E o meu coração frio, sem um batido !

Uma tarde emquanto eu adorava Laura, ajoelhado a seus pés, vi-a transformar-se prodigiosamente, pouco a pouco... no rosto, nos olhos, nos cabellos, em toda a sua pessoa, para se converter em minha esposa Carlota, que me fitava com olhos terriveis, com uma aterradora fascinação sobrehumana...

Tremulo, pallido, louco de terror, prostrei-me a seus pés, pedindo-lhe perdão. Mas as mãos de Laura tornaram a levantar-me e a sua fresca voz, canora, me libertou do horroroso sonho.

— O que fazes ? Estás delirando ? E' o "haschich" que te faz sonhar: o bem e o mal; a ventura e a dôr; mas tu me causas medo...

Porém, no dia seguinte, deu-se o segundo acontecimento terrivel. Emquanto eu me preparava para ir á casa de Laura Carlota tomou-me pela mão, sem falar, levando-me até o seu quarto. Acompanhei-a como um automato.

— Escuta, Hugo, — disse-me: — eu desejaria não acreditar no que me faz enlouquecer. Faço calar o meu orgulho, para te pedir que me digas toda a verdade, seja ella qual fôr. Tu és o amante de Laura ?

Impetuosamente assaltado por uma raiva surda que me pareceu generosa quasi, gritei á Carlota a minha eterna mentira: que estava puro de toda mancha: que sempre a adorava: que só vivia para ella e para o nosso Nino...: que...

Mas naquelle momento tive que me interromper, assustado e sem voz...

Lentamente, diabolicamente, minha mulher ia-se transformando em Laura, a cortezã feiticeira, com os seus olhos fataes, o seu sorriso encantador, seus cabellos maravilhosos, o seu corpo perfeito...

E tive que fazer um esforço formidavel sobre mim mesmo, para não gritar de espanto, para não me trahir...

Fechei os olhos e, e quando os tornei a abrir, Carlota estava deante de mim, implacavel, interrogadora:

—Hugo, jura-me a tua fidelidade sobre a cabeça do nosso filho ! — Por sua saude, pelo seu futuro, pela sua felicidade ! Alguma cousa superior a mim me dominou. E jurei...

Carlota fitou-me um instante nos olhos, profundamente, e depois disse-me com uma terrivel tranquillidade que me assustou e me deu vertigens:

— Tu mentiste. Juraste falso. Amanhã has de me dizer tudo.

Fugi. Já não me recordo se naquella noite voltei á casa de Laura.

Mais tarde, quando o menino já estava deitado, Carlota mandou-me chamar. Desejei não ir, mas, como rebellar-me ? Percebia, não sei como, que se approximava a catastrophe, e me parecia que eu a devia esperar como uma libertação.

Encontrei Carlota sentada numa poltrona. Parecia muito calma, quando me fez signal para eu me sentar a seus pés, num banquinho que ella mesma arranjou. Obedeci tremulo.

De repente, ella deixou cahir um livro de cima da mesinha que estava a seu lado. Inclinei-me machinalmente para o recolher, e, quando tornei a levantar-me, no logar de Carlota estava Laura, a cortezã, que me sorria, ardentemente lasciva.

Senti-me presa de um terrivel impeto de revolta. Os cabellos se me erriçaram. Uma colera implacavel se apoderou de mim, agitando-me, fazendo-me erguer bruscamente e rugir uma onda de palavras amargas, ferinas e brutaes.

E sobtrahi-me finalmente ao jugo, censurando acremente a cortezã a nossa trahição, o nosso amor infame. E, como para provocal-a, teci impetuosamente a historia da nossa ignominia, até perder as forças, até me sentir desmaiar...

Assim, por um instante, ... uma nuvem de sangue deante dos olhos; depois, Laura desappareceu, deixando logar á Carlota, que muito pallida, e com expressão terrivel, me maldizia...

Cambaleando, afastei-me, como um animal maldito.

O que depois aconteceu, só o posso dizer, em poucas palavras. A tragedia foi por demais horrorosa. Sahi de casa e andei vagueando como um louco. Em minh'alma, um demonio me suggeria, sarcastico:

"Vae á casa de Laura, á casa de Laura, para sempre !" Mas eu era incapaz de tomar qualquer resolução. Ao voltar á minha casa, pareceu-me que ali reinava um silencio de morte. Ao meu encontro veiu um creado, livido, tremulo, incapaz de falar; depois, um senhor vestido de preto, depois outro, mais outro.

E soube ! E vi ! Naquella mesma noite, Carlota se suicidara, tendo morto em primeiro logar o nosso filho...

Para mim, desde então, foi uma escuridão horrenda; um cháos, povoado de espantosos fantasmas, sempre, sempre... do qual sahi, voltando á luz do pensamento e das lembranças, aqui, na sua casa, por obra e bondade suas, doutor...

Já não peço nada ao mundo. Agora eu me mataria, se não tivesse a inesperada obrigação de "expiar".

E que melhor expiação poderia haver para mim, doutor, senão a de auxilial-o, como posso, a alliviar os terriveis padecimentos dos seus numerosos asylados ?

(Traducção de "Anelêh")

Os quatro primeiros premios no cólo das mamães. Mais nove candidatos que honram a raça dos bandeirantes

Concurso de robustez infantil em São Paulo

A DESGRAÇA, FAVOR DE DEUS...

A cinco minutos conversavamos com aquella mulher de doce physionomia e de olhos meigos e não comprehendiamos bem por que ella era a mais perigosa de todas as loucas furiosas do "Instituto Raul Soares", onde a curiosidade nos levara numa manhã de nevoas. Quando pedimos para falar-lhe o enfermeiro olhou-nos sobresaltado; e quando, em nossa frente, ella começou a responder ás nossas perguntas, calma, sem contrahir um musculo da face, mais sobresaltado ainda elle ficou porque, discretamente mandou postar dois collegas perto de nós...

A estranha creatura, indifferente a tudo que a rodeava, na simplicidade de suas vestes pobres, se preoccupava tão sómente na narração que fazia, olhos enxutos, palavras frias como se o que ella contasse não fosse a propria alma que ella desfibrava nas palavras que ia pronunciando.

— E' verdade o que ella diz? surprezos pela precisão das suas phrases e pelo equilibrio das suas orações, indagámos.

— E', de facto, verdade o que ella conta...

E sem se interromper ella continuava a descorrer sobre o grande infortunio que a colhera, desgraçando-a mais, e nós, tocados no fundo da alma por uma profunda piedade, detinhamos o olhar nas linhas do seu corpo, perfeitas, mal disfarçadas pela saia grossa e no rosto, outrora lindo, certamente, quando o clarão da intelligencia o illuminava ainda...

• • •

— Está aqui ha muito tempo?

— Um anno...

— Quem é essa menina que está a seu lado? perguntámos apontando a creança que, de facto, a ladeava na photographia que ella nos mostrava.

E ella, sorrindo até:

— E' a minha filhinha de que lhe falei...

Rindo, continuou:

— Bonitinha, não acha?

— Linda...

— Pois é por isso mesmo que ella foi lá para o céo...

— E esse moço?

— O meu Joaquim...

Rindo de novo:

— Cansou de mim e foi com outra...

A uma palavra nossa, de consôlo, ella tornou, sem se emocionar:

— A vida é assim mesmo, não é?

— Aquelle é o seu menino?

— Sim...

— Que é feito delle?

Ella, voltando os olhos para o céo:

— Está lá em cima tambem...

• • •

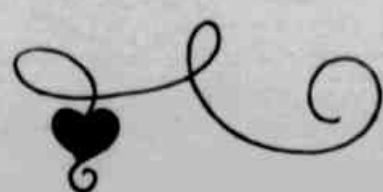
Maria Apparecida, que não sobreviveu ao seu drama porque perdeu mais que a vida, a Razão, é uma mulher de impressionante sympathia. Mesmo maltratada, suja, os cabellos em desalinho, cahidos pelo pescoço, a gente tem vontade de beijar-lhe as mãos, com respeito, e chorar as lagrimas que ella não chora mais, porque não mais comprehende a estensão da sua desgraça. Está ali, no hospicio, ha um anno, tempo que a separa do ultimo golpe que recebeu na grande ventura que gozava.

Era, lá em Diamantina, padrão de felicidade com o seu Joaquim, seu casalzinho de filhos e a cazinha branca em que morava... Tres annos a fio viveu assim, até que um dia a Desgraça, a figura sinistra que a todos amedronta, lhe invadiu o lar povoado de gozos, arrebatando-lhe, no mesmo dia, o marido que a abandonou por causa de uma vizinha, e os filhinhos bons, afogados tragicamente, numa traquinada funesta. Quando recebeu o primeiro golpe entregou-se, em gritos lancinantes, ao maior desespero, mas quando ouviu, estatica, immovel, o segundo, sob o pezo esmagador da realidade brutal que ella encerrava, sem uma palavra e sem uma lagrima, cahiu pesadamente ao sólo. Quando Maria Apparecida, horas depois, abriu os olhos, examinou a sala e fitou os que ali estavam — deu a impressão de que era estranha ao ambiente — a sala de sua propria casa!... Murmurou vagas palavras sem nexo, para começar a chorar, dizendo que sentia, no coração, um peso estranho e uma immensa dôr...

• • •

Como que despertando do entorpecimento em que mergulhára á violencia da emoção terrivel, oito mezes depois, Maria Apparecida começou a ter noção dos proprios sentidos e a recompôr, lentamente, para a propria imaginação todos os lances do seu grande infortunio, como se fosse erguendo, a pouco e pouco, um véo que lhe occultasse dos olhos as expressões de um quadro desconhecido. E, então, sem perguntar, commentava o desvario do marido e a morte das creanças, abanando a cabeça, sorrindo e dizendo que Deus, apesar de tudo, era bom...

• • •

Se Maria Apparecida não enlouquecesse, cada dia que vive, depois do drama, seria, para o seu espirito ferido, um novo drama. Furiosa ou não furiosa, a desgraça de ter perdido a razão foi para ella, sem duvida, um favor de Deus...

DE BARROS VIDAL

Velha Mangueira

ERA uma alta, era uma velha, uma robusta arvore — á bocca umbrosa de uma matta espessa e á margem quieta de uma estrada triste... Quando no céo, na linha tenue do nascente, roseava a manhã — ella era toda uma orchestra: quando o sol, pino e forte, arqueava a luz em cupula caustica e estial sobre a terra — ella era toda uma amphora de aromas a tressuar o ambar da resina e a rescender o cheiro acre, acidulado dos fructos, tonteando o moscardo e perfumando os caminhos; e quando plangiam sinos, pela hora suave da velhice do dia e da pubescencia da noite — ella era toda um balbucio brando de aconchegos, um vozear baixo e somnolento, um murmurar timido de ninhos que adormecem e que se vão calando na paz do silencio... E os seus largos, os seus fortes braços de cerradas ramas guardavam-lhe, então, o tronco num agasalho de sombras, pendidos para o sólo... E a velha arvore dormia, pesada e farta... Velha mangueira, solitaria e tranquilla!...

As pequeninas estrellas, piscas e tremulas, ponteavam a gaze crepuscular do céo ennegrecendo e, em pouco, o cardume d'oiro, tremeluzente e minusculo, taxeava de luz toda a pellucia negra da noite, poeirada pela limalha fina da prata esponjada das nebulosas!...

E assim minusculas, assim scintilantes, tremulas assim eram como olhosinhos inquietos e boccasinhas balbuciantes de creanças mortas, a falarem lá do alto, tatibitando monosyllabos infantis de luz, para os pipillos timidos dos ninhos que adormeciam já no abrigo e na sombra da velha mangueira maternal...

Um dia, falavam longe, sobre as agulhas e as corcovas da serra, vozes roucas de trovões do suéste e, por vezes, abertas bruscas de luz sulfur incendiam, distantes, o plumbeo escuro da nuvens que lufadas quentes impelliam, em amontôos cerrados de brutas rochas pardacentas, com farripas flocósas de uma vegetação desfeita.

A cada bramir artilhado, a cada sopro morno do vento que já longe abatia a ramada das mattas pelo alcandor das montanhas, ia o verde claro das folhagens e dos hervaes rasteiros, carregando um verde luzidio e trevoso...

Já a passarada fugira, buscando os abrigos. Restava um corvo negro nos ares lutando á descida, em largos circulos descriptos e em quedas bruscas de flecha, mas, logo ao embate violento da rajada guindado novamente ao alto... E lá se quedava, em meio o espaço, equilibrado e incerto, com as grandes azas concavas abertas, em remos curvos, na rigidez inteira das fibras e a cauda em leme governando as guinadas — como um pequeno brigue negro de corso capeando a borrasca aos boléos do tufão!...

A' volta distante da estrada erma, assomou, apressado, o vulto esquivo de uma mestiça...

Apertava ao seio uma creança envolta nas dobras duplas de um chale...

Fugio á tormenta; deixara a lavoura...

O terror agora descerrava-lhe as palpebras e o seu olhar inquieto, cheio da sombra do medo, ora fitava o amontôo negro das nuvens

ILLUSTRAÇÃO DE J. CARLOS

rugidoras que o suéste impellia, ora a creança adormecida tranquilla sob a pressão dos seus braços.

Deante os seus olhos possara já á distancia, em estrepidos seccos de sonancia metallica, do bojo escuro do nuvedo, para a corôa longe de um morro, a fita verde-jalde, larga, extensa, em zigs, de um raio, abalando as montanhas e reboando a campina.

A mestiça estacara, brusco... Acordara a creança... Os seus braços apertaram-n'a mais; os seus labios sem sangue, onde o nome suave de Jesus cantou, tocaram trementes a lã grosseira da touca e o seio turgido arfou oppresso, offegou assustado, sob a pressão da cabeça pequena... Primeiras gottas esparsas em grossos fios obliquos crivavam já o pó espesso e secco da estrada e batiam o "ra-tan-plan" da chegada na cópa farta das arvores...

Inda era longe a vivenda, mas, a mangueira ali estava — as ramas abertas na distensão de uma benção e a cópa abaulada como a offerta de um lar...

A mestiça, de novo, estreitou nervosamente a creança ao busto e acolheu-se á folhagem...

Dir-se-ia que a velha arvore, em cujo tronco rugoso o amor gravura, por vezes, pelo cahir melancolico das tardes, nomes entrelaçados e interrogações de duvida, comprehendera agora o dever: dar o abrigo e a defesa áquella mãe foragida e áquelle filho, como duas creanças tremulas, acolhidas ao seu amor e ao seu soccorro...

A borrasca chegara.

O suéste empolgou a matta, abateu violento de um jacto, brutal, como um leão cravando, subito, a garra e abocando, subito, á canga, em um arranco de assalto, um tigre real que passa rugindo a fome: acordou o mysterio, espancou o silencio e a sombra, arrancando as galhas verdes e remoinhando as folhas amarellecidas do sólo, que são a saudade cahida das arvores, e, pelo percurso longo e tortuoso da estrada, ergueu o pó sanguineo, o barro rubro dos caminhos, em nuvem densa e vermelha, como o fumo novellado de um incendio fantastico...

A agua abateu compacta, ruidosa, das grandes esponjas d'alto e, novamente, a faixa de um raio cortou, abriu, scindiu, lado a lado, o espaço...

A velha mangueira tremeu, fibra a fibra, como um hercules que acorda; abalou todo o seu ser d'arvore, dês os brotos tenros dos rebentos novos, té a columna rija do tronco, a ringir as serpentes brutaes das raizes cravadas em garfo no sólo.

Os seus dez braços vigorosos, moveram-se convulsos, epilepticos, no ar, como dez punhos colossaes acenando a revolta e a cabelleira, farta e verde, desgrenhou, aberta ás lufadas...

Aos estoiros pranchados da vergasta do vento, a arvore baixava a fronde, acobertava com os braços as duas creaturas acolhidas ao seu seio, livrando-as á chibata do suéste... Vezes, porém, a tormenta apanhava-a d'alto, por sobre, como a garra aberta de um monstro que se lhe espalmasse em cheio na largura plena da cópa e tentasse premel-a, empastal-a ao nivel do sólo, rez-vez a terra, soterrando-lhe o tronco e esmagando os dois seres amadrinhados pelas suas ramas; mas, a galhada rangia, eriçava os pontaes penetrantes, a sangrar a palma larga da garra monstruosa que procurava prensal-a!... E o tronco inflava ao esforço dos musculos, abrindo ranhuras no encasco limoso por onde sorava a lagrima topasio da resina!

E a velha mangueira estertorava, rouca, surda, pesante, como um bufalo lutando!...

Vinham inclinadas as grossas laminas da chuva e a arvore acurvava a ramaria farta, resguardando a mestiça; cahiam verticaes as agulhas da agua e ella distendia, espalmada, toda a folhagem abundante, em amplo, em immenso circulo de abrigo...

A tormenta como que comprehendera a inutilidade da offensiva, deante a resistencia daquella defesa...

O furor augmentou, os esforços recrudesceram — a arvore resistia...

O suéste baixou o golpe; abriu, meio a meio, a floresta, transformou o sólo, levando a terra revolta abafando os arbustos e soterrando as hervagens — a arvore resistia...

Arrebatou, em flammulas, as fitas extensas das lianas; desemmaranhou irado os cipoaes, deslaçando os nós e partindo as hastes — a arvore resistia...

Descabellou os ipês, a arvore resistia...

Exhumou do seio rijo da terra as raizes profundas dos guarabús — a arvore resistia...

Arrancou o cocar real das palmeiras — a arvore resistia...

Lanhou o ventre argiloso das montanhas — a arvore resistia!...

O temporal cançou, estacou arquejante; concentrou o rancor e a força, gemeu surdamente a colera e, violento, investiu novamente, vingativo e tenaz!...

A terra, então, tremeu! O bojo verde-plumbeo do nuvedo electrico pairou sobre a velha mangueira, como um odio assassino que vae explodir; fluctuou instantes, fendeu, lado a lado, em bocca escancara e a carga desceu, o estampido troou, o raio mortal partiu!...

A velha arvore recuou; dos dez braços rijos, longos, deu o braço mais forte, distendido, defensivo e alto, offerecendo-o á carga...

O raio bateu-o penetrou-lhe o cerne, torou-o transversalmente de um golpe e levou-o, inservivel, para além do circulo abrigador da cópa — inservivel e salvador!...

A tormenta passara...

O ar, rarefeito, pesava leve; as cargas escuras já roncavam longe, para além do alto dorso lombar da montanha; a paizagem lavada ganhava o verde claro, o verde novo dos carinhos primaveris dos bons mezes; já havia abertas no céo com rasgões azues, de um azul fresco de Maio; a vegetação molhada exhalava, aromando a terra de um cheiro sadio, retemperador, de refrigerio e de força; cantava longe a toada embalante de um tropeiro e na luz limpa alongava-se agora, como um fio sonoro, como uma extensa fita desdobrada e fluctuante a fugir, o chio pro-

(*Termina no fim do numero*)

TECENDO UM BALAIO
LIMEIRA — S. PAULO
Photo: Irene Hamar

THEATRO

As medidas de protecção á propriedade artistica, literaria e musical, insertas na Lei Getulio Vargas, e que estão sendo applicadas, no Districto Federal, rigorosamente ás casas de diversões pela Censura, têm provocado irritações e conflictos, por considerarem-nas, os por ella attingidos, exaggeradas.

Realmente, parece, á primeira vista, um excesso de zelo de nossa parte, essa prohibição, já não dizemos de se representarem peças, mas de se executarem numeros de musica ou se cantarem coplas, sem autorisação do autor ou de um seu representante. Trechos musicaes divulgados universalmente pelos discos gramophonicos não poderão ser, de ora em deante, instrumentados e, executados, entre nós, se não fôr ouvido o remoto autor, que ninguem conhece, nem se sabe onde reside...

E argumentam que é irrisorio esperar igual procedimento de parte das autoridades estrangeiras, em relação á propriedade autoral brasileira.

Têm razão os que assim deblateram, mas ha um engano na maneira de apreciar as intenções da lei brasileira. Se a lei protegesse, apenas, a producção nacional, tornando obrigatorio o pagamento dos direitos, esta não encontraria collocação no mercado, lançariam mão os interessados do farto manancial que a mentalidade alheia teria á sua disposição. Crear-se-ia, assim, dentro do paiz, uma situação de desfavor para o elemento indigena, ter-se-ia, com isso, instituido uma lei proteccionista ás avessas.

E' sábia e justa, nesse capitulo, a lei Getulio Vargas. E' necessario, porém, que o Ministerio do Interior encontre a fórmula que a torne valida e efficiente, em todo o territorio nacional. Não é uma situação decente a que está em vigor, que impede, por exemplo, á empreza Roulien representar peças no Rio de Janeiro, sem autorisação do autor, e permitte que as represente em Petropolis, mesmo que o autor prohiba...

Lei é lei, e tanto estamos no Brasil no Rio de Janeiro, como em Petropolis. A S. B. A. T. não póde cruzar os braços deante dessa anomalia e deve agir junto das autoridades, alvitrando providencias de que resulte o respeito geral á lei. — **Mario Nunes.**

OLYMPIO BASTOS
(Mesquitinha)
do Theatro Recreio
Caricatura de Di Cavalcanti

O programma da revista do "Casino de Paris" (revista luxuosamente banal(annuncia "A morte do Cysne" por Miss Edna Covey, a celebre estrella do "Metropolitan Opera House". Entra uma bailarina pequena e magra com a testa coberta por uma franja preta. E' engraçadinha, mas não fará esquecer a Pavlova. Começa a imitar o vôo do cysne e logo se percebe algo de exquisito na sua attitude. Parece que vae levantar vôo... cae ! Levanta-se e recomeça. Torna a cahir e de costas. Torna a levantar-se, profundamente desapontada e recomeça a fazer movimentos que em nada se parecem com os de um cysne. Quando dá por isso cae novamente, o que provoca hilaridade no publico.

E continúa assim a bailarina a querer dansar "A morte do cysne" e sem conseguil-o; toma as posições as mais absurdas, e as mais difficeis, tudo isto acompanhado de um jogo de physionomia de um comico irresistivel.

O cysne passa a ser pato e o pato... pinguim; finalmente não se sabe mais o que vem a ser essa bailarina grotesca á procura do seu equilibrio.

E' preciso ver essa pantomima, essa "dansa invertida" para apreciar devidamente o que tem de comico. Edna Covey, bailarina clown, está fazendo uma innovação. Se ella desenvolvesse a idéa que inspirou seu numero do "Casino de Paris", poderia dar-nos uma caricatura dos sports.

Até agora, as bailarinas americanas de café-concerto eram mais "musculosas" do que espirituosas. Edna Covey lembra-nos, felizmente, que a America é tambem a patria de Mark Twain. — **Simonne Ratel.**

NUM JANTAR DANSANTE DO

BOTAFOGO FOOTBALL CLUB

Historia triste do Carnaval que passou

— Você não me conhece ?

Aqui e ali o chavão carnavalesco. A estupidez mascarada, em procissão. Em compressão. Suando. Promiscuidade de halitos e risos. No ar, em repuxo, as serpentinas multicôres. E o esguichar dos lança-perfumes põe arrepios de gelo na carne quente dos foliões.

—

"Sou da fuzarca,
não négo não..."

A chuva lenta e secca do confetti. Rascar continuo de motores com intermittencia de gritos e gargalhadas. E o estandarte sambando no passo malandro...

"...é por isso mesmo
que eu te dou meu coração !..."

—

— Você não me conhece ?

—

Em cima, lá para traz do grande velario horizontal de luz (Light and Power) esquecido, com a serenidade de um santo, o céo. O velho céo... (Que ainda é o ultimo refugio). E a infinidade das estrellas sobre a multidão ondulante...

—

Só. Parado. Collado á parede, como querendo entrar por ella, para melhor se livrar da onda foliã. Com um ar de espanto e concentração. Uma creança, no primeiro contacto com o sortilegio das côres. Mas uma creança amarga. Que em vez de ficar apenas vendo, ficou pensando... Sem exaltação. Sem deslumbramento. Sem revolta. Mas com amargura...

—

"Sou da fuzarca,
não négo não..."

...foi quando Maria Rosa surgiu-lhe á frente, num brusco empurrão da vaga humana. Maria Rosa... Quinze, vinte annos de espera incessante. Era um trecho, o mais vibrante do seu conta-corrente com o destino, o que lhe arrebatára a mocidade. Ella evocava, quasi instantaneamente, uma historia ingenua e commovida que degenerára em tragedia. O namoro no bairro longinquo. O noivado. O casamento. A feliz vulgaridade... E o amor !

—

Maria. E rosa.

—

Depois, appareceu o terceiro. O que nos romances de amor é infallivel como o destino. Em grandes letras de fogo no "écran" da imaginação a palavra insidiosa: RIVAL. E os dedos se fecharam rijos sobre o cabo de um punhal, no impeto irreprimivel de anullar o demasiado, o impar, o terceiro...

—

Foi para o xadrez. Lá ficou 15 annos. Foi lá que lhe chegaram os cabellos brancos. Ella desappareceu. No inquerito, entre lagrimas authenticas, affirmára ás autoridades que amava doidamente o marido, que jámais o trahira. Mas desappareceu... Não quiz saber, durante 15 annos, se o marido necessitava de cuidados seus. Durante 15 annos, o marido não a esquecera um só dia...

—

Era ella mesma. O arzinho de sonsa no rosto, no modo de olhar, no modo de rir... Quiz dizer alguma coisa que de prompto o tornasse conhecido. Ensaiou. E só lhe escapou, sincero, anti-carnavalesco, o chavão dos foliões:

— Você não me conhece ?

Ella lhe poz no rosto uns olhos grandes, arregalados, maiores do que os de sempre. E não reconheceu naquelle maltrapilho, a barba rebelde, os dentes em ruina, o homem bello e forte que fôra um dia o seu marido fiel e amigo de toda hora. E cafageste, puxando da testa para os olhos a meia mascara de seda negra, respondeu: — Sae, beija-flor !

—

Ia insistir. Dizer que não era um gracejo carnavalesco. Chamal-a pelo nome. Contar-lhe que já cumprira a pena, que estava livre e que a vida para ambos poderia começar outra vez... Mas viu que um dominó amarello a enlaçava pela cintura. Sentiu um brusco repuxão nos nervos. O coração esfriou como se lhe houvessem arremessado um jacto de lança-perfume. Numa superposição de paginas rapidamente voltadas, em letras cada vez maiores a palavra insidiosa: RIVAL. Passou a mão pela cinta. Lá estava, a postos, a faca afiada... O olhar agudo e ligeiro percorreu de alto a baixo o dominó amarello que já se afastava. Armou o bote...

—

Raciocinio prudente e momentaneo. Como uma successão de scenas cinematographicas. "A cadeia... mais 15 annos... ella aqui fóra... com os outros... sem se emendar..." E o gesto paralysado. Os braços desarmados balançando. Sorriu amarello como o dominó. Enterrou mais o chapéo na cabeça. Virou para cima a aba, á Napoleão. E subitamente carnavalesco, desandou a cantar, afundando no blóco sonoro dos "Desolados do Bangú", que passava, estandarte á frente sambando no passo malandro.

"Sou da fuzarca,
não négo não..."

PAULO MENDES DE ALMEIDA

N O P R A I A C L U B
C O P A C A B A N A

O cordão do "S. Dinamite" — Na Sociedade "Philosophia".

A soberana, na S. Philosophia, senhorita Carmen Rothfuchs.

Carnaval em

Na Sociedade Philosophia

Porto Alegre

• MÃOS • POSTAS •

Todas as manhãs, todas as tardes, aquelle homem era certo ali, na pequena sala do museu, ao lado da cathedral. Havia de ser muito velho. Tinha os cabellos brancos, longos, cahidos em ondas; a cabeça, vista de frente, parecia adormecida sobre elles, como sobre uma almofada de seda.

Eu o encontrava sempre no mesmo logar, diante da parede do fundo, a olhar para uma téla azul, côr de céo nocturno, onde duas mãos postas, mãos serenas de mulher, serenamente appareciam.

O homem não tirava os olhos dessa téla e, ás vezes, os seus braços desalentados faziam um esforço, tentando erguer-se até ella. Mas tombavam logo. O homem ficava a olhar, deserto, perdido, nas sombras de um grande sonho sem aurora.

"Mãos postas" eram a obra-prima do museu. A principio, julguei aquelle homem um antigo amoroso de coisas bellas, a quem a pintura ideal das duas mãos em supplica de tal maneira prendesse que, olvidado, extatico, não achasse encanto senão em vel-as.

Ou talvez fosse, pensei depois, um devoto das mãos, um desses entes mysticos e sensuaes, cujo maior prazer da alma e do corpo é a caricia enlanguescida que as mãos têm, ellas que abençoam na infancia, coroam de rosas na mocidade, e são, na velhice, uma graça dolente, acenando ainda do passado...

Vim a saber, afinal, que aquelle homem era o autor do quadro. Enlouquecera, ia já em muitos annos. Deitára fogo á casa.

Nas cinzas do "atelier", por milagre, encontrou-se intacta a téla azul.

O tempo tinha andado. O doido furioso tornára-se um triste velho sem memoria. E todas as manhãs, todas as tardes, vinha para ali, para a pequena sala do museu, ao lado da cathedral, e quedava a olhar, inconsciente, a sua obra mais pura, a mais perfeita.

E era tudo que lhe restava da vida: duas mãos postas...

ALVARO • MOREYRA

RUBERTO • RODRIGUES • ILLUMINISTA •

Lobishomem

de

Raymundo Magalhães

A primeira bodega que se abria, na feira do Jacaré, era a de "seu" Bento. Logo muito cedo, mal o dia começava a raiar, elle sahia de casa, embrulhado num cobertor de lã, por causa do frio cortante, escancarava as duas portas da frente, ia á "ancorêta" de cachaça, pousada em cima do balcão, tomava um "tronco", para esquentar o corpo e ficava, por algum tempo, passeando dentro do "quarto", á espera dos primeiros freguezes. Estes não demoravam a chegar. Eram, de ordinario, os mesmos: "seu" Valdivino, marchante, dono do açougue visinho, conversador inesgotavel e cacete, depois de terceira golada; o capitão Mosqueiro, espirito alegre e vivo, grande contador de anecdotas picantes, que apesar de muito repetidas, arrancavam formidaveis gargalhadas; "seu" Doca, o mais moço de todos, prosador e poeta, que assombrava a terra com os seus violentos artigos politicos nos jornaes da capital e já era uma celebridade consagrada pelo "Almanach de Lembranças"... Tivera estudos. Toda a gente o considerava um moço preparado. Fazia graça de um grosseiro materialismo e, de vez em quando, atracava-se em polemica com o vigario da freguezia, um santo homem, muito ignorante e pobre de idéas, mas, por isso mesmo um santo homem, que tomava a peito converter o "hereje"... Só mais tarde chegavam o Bahé, o Januario, o Zé Preto, o velho Macedo, o Caboquim, e outros negociantes das immediações, que formavam uma grande "roda", applicada, toda a manhã, até á hora do almoço, a beber copinhos de cachaça e a falar a vida alheia...

Quando "seu" Bento abria a porta, vinha de dentro do "quarto" um bafo morno, nauseante complexo, em que se misturava o cheiro de mil coisas heterogeneas: sardinhas seccas, jacas, rapaduras, fumo de corda, alcool, drogas, plantas medicinaes, queijos, alho e cebolas brancas, bananas, atas, "avoantes"... Além de negociante de generos alimenticios, "seu" Bento era tambem muito entendido em assumptos de medicina caseira.

Como na terra não havia medico nem boticario, elle desempenhava o papel de "curioso": com o auxilio do seu bojudo Chernoviz, aconselhava remedios a quantos recorriam á sua experiencia, e dizia-se que estava só para tratar das "doenças do mundo"... Jalapa para estes, batata de purga para aquelles, gitó ou velame, para aquelles outros, eram os seus remedios predilectos. Se não fizessem bem, não podiam fazer mal. Custavam pouco, mas esse pouco lhe bastava para ir vivendo folgadamente, em meio á sua vasta clientela.

"Seu" Bento era um bello typo de homem, muito branco, de nariz aquilino, com uma barba cerrada e longa, cujas pontas tinha o habito de retorcer, com arrogancia. Andava pelos setenta annos, mas ainda estava forte, esperando viver, pelo menos, o dobro... Extremamente desasseiado, sempre de "corrimboque" em punho, a fungar pitadas de tabaco, com um enorme lenço de ganga sobre um dos hombros, era uma figura pittoresca pelo seu modo de vestir. Quer de verão, quer de inverno, calçava tamancos e o seu traje compunha-se de uma calça de riscado e de uma camisa de madapolão, com as fraldas soltas que lhe alcançavam os joelhos. Nada neste mundo o obrigaria a "passar os pannos" ou a enfiar um "paletot". Ia assim a toda a parte, á egreja como ao mercado, e, mesmo quando se faziam eleições, era em fralda de camisa que dava o seu voto ao governo.

Certa manhã, ainda "com escuro", estava a rodinha formada, uns sentados no balcão, outros em caixas vasias de "gaz". Era em Junho. Fazia um frio de bater o queixo. A cachaça corria com mais abundancia e a palestra augmentava de animação, á medida que os copinhos se repetiam. A "neve", como lá se chama á cerração, era tão espessa que não deixava vêr nada a vinte metros de distancia. Por isso ninguem reparou na chegada do Zé Vicente, um lavrador da Pavuna, senão quando elle, depois de ter amarrado o cavallo á gamelleira da porta, entrou na bodega, muito maneiroso, dando os bons dias e apertando a mão de cada um.

"Seu" Bento quiz saber logo que novidade era aquella, porque apparecia elle assim de madrugada. Haveria doença em casa?

— Foi a mulher que quebrou o resguardo— explicou o Zé Vicente. Teve creança ha tres dias e estava passando muito bem, quando, hontem de noite, aconteceu uma desgraça...

— Que foi? que foi? — perguntaram todos ao mesmo tempo.

— Acho que foi um lobishomem. Pela meia noite, ouvimos um bicho rosnar e arranhar a porta do quintal com muita força. A cachorrinha, parida de novo, deu logo signal do lado de dentro e o bicho largou um grunhido que nos encheu de pavor. Talvez seja um guaxinim, disse eu á mulher. Quiz-me levantar, sahir fóra, para vêr que "marmota" era aquella, mas a Maria não deixou. Depois, mais nada. A "Baleia" calou-se: Pegámos no somno e, hoje de manhã, ao despertar, verificámos que a porta dos fundos estava aberta e o "bicho" havia comido a ninhada de cachorrinhos, que estava na cozinha. A Maria jura que foi um lobishomem. Eu tambem acho que sim. O certo é que a pobrezinha tomou um susto medonho, quebrou o resguardo e, agora, está para morrer.

"Seu" Bento consolou o pobre homem sobre cujo lar desabava uma tamanha calamidade:

— Isso não é nada, Zé Vicente. Dá-se um geito. Tenha coragem e fé em Deus.

Consultou demoradamente o Chernoviz:

— O remedio é um purgante de Leroy ou então Agua Ingleza. Leve o "laruá" (era assim que elle pronunciava) leve o "laruá" e venha-me dizer, amanhã, se a mulher melhorou.

Ninguem se atrevia a interromper "seu" Bento, quando elle tratava da medicina. Quem o fizesse, imprudentemente, podia ter a certeza de que o velho "curioso" esmagal-o-ia com um olhar colerico e com esta simples apostrophe — Filho!... Filho, apenas. Não dizia de quem, mas todos sabiam o verdadeiro sentido daquelle palavrão...

Zé Vicente guardou o remedio, pagou-o, despediu-se dos circumstantes e partiu a galope. Tomou-se mais uma rodada e os commentarios, então, esfusiaram.

— Santa simplicidade! — observou "seu" Doca — Quanta gente estupida existe ainda por este mundo! Crêr em lobishomens e almas penadas, em pleno Seculo XX, no Seculo da Electricidade, só mesmo nesta infeliz terra! Mas, não póde ser de outro modo, porque o governo e a egreja, o nosso patriotico governo e nossa Santa Madre Egreja Catholica Apostolica Romana, em vez de instruirem o povo, tratam de embrutecel-o, cada vez mais, para que elle permaneça, eternamente, a mesma besta, facil de governar com um freio — quer esse freio seja o terror do inferno, quer o terror da lei!

Calou-se, desolado, com aquelle desabafo, certo de que ninguem comprehendia a belleza do seu pensamento. Bebeu mais um copinho. Zangou-se, por se julgar um incomprehendido, no meio daquelles matutos broncos e passivos. E, de zangado, enguliu, logo em seguida, outro copinho. Irra!

— Esta mocidade de hoje — disse o velho Macedo — Esta mocidade de hoje não crê mais em nada. Por isso é que o mundo está perdido e acontece tanta desgraça feia... Se até os meninos como você, Doca, já são atheus, "maçons", dizem que Deus não existe... Pois fique sabendo, moço, que Deus está lá em cima e que ha muita coisa, muita coisa... Almas do outro mundo, lobishomem, tudo isso é verdade. Eu nunca vi alma, mas lobishomem já topei um...

Explodiu uma gargalhada na roda. "Seu" Macedo, um velhinho pequenino, melgaço, de olhos azues, cabeça enorme, era conhecido como o maior mentiroso das redondezas. Não abria a bocca que não fosse para contar "historias de onça", cada qual mais estapafurdia e ficava furioso, quando punham em duvida a sua palavra. Como, de resto, as suas mentiras não faziam mal a ninguem, não passando de arrojadas fantasias, todos gostavam de ouvil-o e muitos o estimulavam a contar casos maravilhosos.

— Pois conte, lá "seu" Macedo, conte lá a historia do lobishomem. Vamos.

— Foi em Santa Quiteria, meninos. Vocês sabem que eu sou daquelle sertão, de onde vim para aqui na secca dos "três sete". Eu era rapaz moço, dos meus dezoito annos, e nesse tempo não tinha medo de nada. Corria atraz de boi no matto fechado, matava onça de faca, pegava cascavel pelo pescoço e quando ella abria a bocca para morder, cuspia-lhe dentro mel de fumo. Depois soltava a cobra. Ella estrebuchava, estrebuchava, e morria. Eu era doido varrido... E se havia coisa que eu tivesse vontade de vêr de perto era um lobishomem. Se fosse possivel, até pagava para me encontrar, frente a frente, com um bicho desses. Queria tirar-lhe o "encanto". Como vocês sabem, o "lobishomem" é perigoso, mas basta que a gente o fira, mesmo de leve, com uma faca, de ponta, para elle se desencantar. Pois bem. Parece que foi mesmo um castigo. Uma noite, escura como breu, eu vagueava sósinho, pelas ruas da villa, levando como unica arma uma faquinha de cortar fumo, um "quicé" á tôa...

Fui andando, perfeitamente calmo, sem encontrar nada no caminho, a não ser uma ou outra rez deitada na rua e que se levantava á minha passagem. Cheguei assim até perto do patamar da matriz, quando um bicho medonho, quasi do tamanho de um jumento, com olhos de fogo e dentes enormes, se botou a mim, como se me quizesse devorar. Tomei um susto pavoroso. Pulei para traz como um gato. Só tive tempo de gritar pelo nome de Nossa Senhora e arrancar o "quicé". O bicho estava em cima de mim, damnado. Mandei-lhe o ferro de rijo. As primeiras facadas perderam-se e o maldito, de uma tapa, arrancou-me peito da camisa. Fugi o corpo de banda e toquei-

(*Term. no fim do num.*)

EVANGELINA
FILHA DO
SENHOR
RAFAEL DE BARROS
SOBRINHO
PHOTOS
ROSSI & CERRI
S. PAULO

LUCIA
FILHA DO SENHOR
DR. MAXIMILIANO REZENDE

MARCEL
FILHO DO SENHOR
DR. JAYME NOGUEIRA

DA TERRA DA GARÔA

Teve o cunho da maior elegancia e elevada belleza, a festa artistica que em memoria de Arthur de Cerqueira Mendes, um grupo de intellectuaes amigos, realizou no dia 6 do corrente, no Theatro Municipal.

Tudo quanto São Paulo possue de mais fino, esteve presente a este lindo sarão, desde a familia do Presidente Julio Prestes e Dona Olivia Penteado até aquelles que jámais esquecerão, esse enamorado da galanteria, cujo perfil romantico dava á Paulicéa um traço nobilitante de bondade e distincção.

Compunham a commissão promotora do festival, os nomes illustres de José Maria Lisbôa Junior, Rodrigo Soares, Veiga Miranda, Cyro Costa, Aureliano Leite, René Thiollier, Canto e Mello e Euclydes de Andrade.

O programma, organizado carinhosamente por D. Izabel von Ihering, foi applaudidissimo e delle constaram a Sra. Antonietta Rudge Miller, Dr. Veiga Miranda, senhorita Maria Emilia Marsillac Fontes, Cléomenes Campos, senhorita Branca Caldeira de Barros, senhorita Yaynha Pereira Gomes, Dr. Cyro Costa, senhorita Helena de Magalhães Castro e maestro Rivadavia Luz.

Aos presentes foi distrubuida uma polyanthéa, trabalho que sobremodo honra as officinas da Casa Duprat Mayença.

E' de justiça destacar em tão sympathica quão merecida homenagem, a dedicação incomparavel de René Thiollier.

Collaboraram na polyanthéa: René Thiollier, Veiga Miranda, Corrêa Junior, Aureliano Leite, Cléomenes Campos, Eurico Sodré.

Das paginas de Veiga Miranda tiramos estas palavras para "Para todos...":

"Um São Francisco de Assis mundano, de roupas elegantes, de graça galanteadora, de monoculo e polainas. Alma de santo e, ao mesmo tempo, alma de creança. Capaz de todas as abnegações e de todas as ternuras, resvalando dos cimos da philanthropia philosophica aos lances da candura reveladora de sublime inexperiencia no trato dos homens. Inexperiencia de sonhador, nascida dos oculos deformadoramente optimistas com que a generosidade do seu coração o fazia ver tudo...

Bom e querido Arthur! A sua irresistivel ansia de amar o levara ao culto das figuras antigas. Com que carinho as evocava, as exhumava do olvido, as recoloria com o seu pincel de artista! Dir-se-ia que lamentava não lhes ter sido companheiro, nas varias épocas, nas differentes sociedades, em que se haviam agitado, e cujos tons elle sabia descrever magistralmente, em tintas suaves, de encantadora suggestão.

Um nostalgico do Passado! O seu temperamento, o seu espirito, o lyrismo do seu sentir, tudo revelava o perfeito romantico, á 1830. Natural, pois, que se achasse um tanto deslocado no ambiente actual, infenso aos arrebatamentos do idealismo ingenuo, hostil aos modelos do cavalheirismo antiutilitario, capazes de tudo sacrificar por um "gesto" nobre, de elegancia, de galanteria.

Para o conforto daquella sensibilidade era indispensavel o calor de creaturas de "élite", e Arthur as havia conquistado, muitas, excelsas, que lhe enquadravam a existencia, no reflexo da sua irradiante magia de Casanova das amizades. O seu coração carregava-se de tamanha exuberancia de affectividade que eram precisas dezenas e dezenas de outros corações para a relativa equivalencia total, na retribuição.

Talvez, por isso mesmo, pela vibração intensa em que era trazido, tornando-se o receptaculo de mil emoções dispersas, o grande coração se fatigou..."

Arthur de Cerqueira Mendes, o escriptor delicadissimo, o homem tão bom, que viveu e morreu pobre, mas que deixou amigos. Os amigos delle fizeram uma homenagem á sua memoria, a 6 de Março, no Theatro Municipal de São Paulo, e publicaram uma polyanthéa com palavras de saudade. O que rendeu essa homenagem linda foi entregue á viuva de Arthur de Cerqueira Mendes.

Festa de cordialidade dos Clubs Flamengo e Vasco da Gama

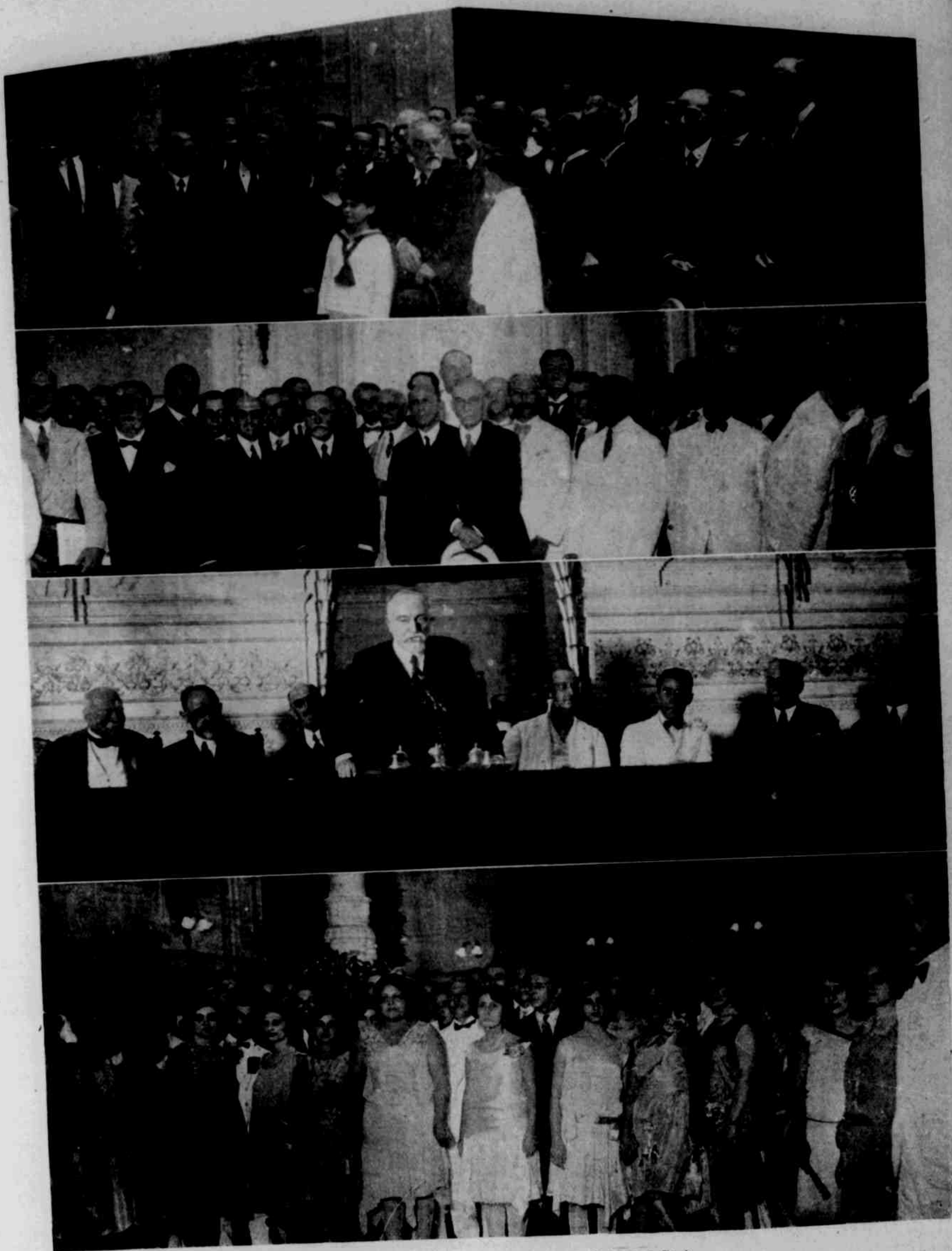
FIGUEIREDO PIMENTEL. Alberto é o seu nome de baptismo. Jornalista. E' secretario do "O Jornal". Publicou ha pouco um livro. E' uma novella de costumes sociaes. "As filhas do Baldomero". Quem não as conhece? São tres lindas mulheres que andam pelas casas de modas e de chás. Dizem que o livro é immoral. Póde ser, mas encerra uma grande moralidade. A edição é da casa editora Pimenta de Mello.

PATROCINADO pela Directoria do Club Fluminense, o Curso de Gymnastica Esthetica e de Dansas Classicas reabriu as aulas no dia 11 de Março: segundas, quartas e sabbados das 4 ás 6 da tarde. Os reputados professores: Sr. Pierre Michailowsky e senhorita Vera Grabinska querem recordar a sua these pedagogica, que não bellos resultados artisticos deu no primeiro anno de existencia do Curso.

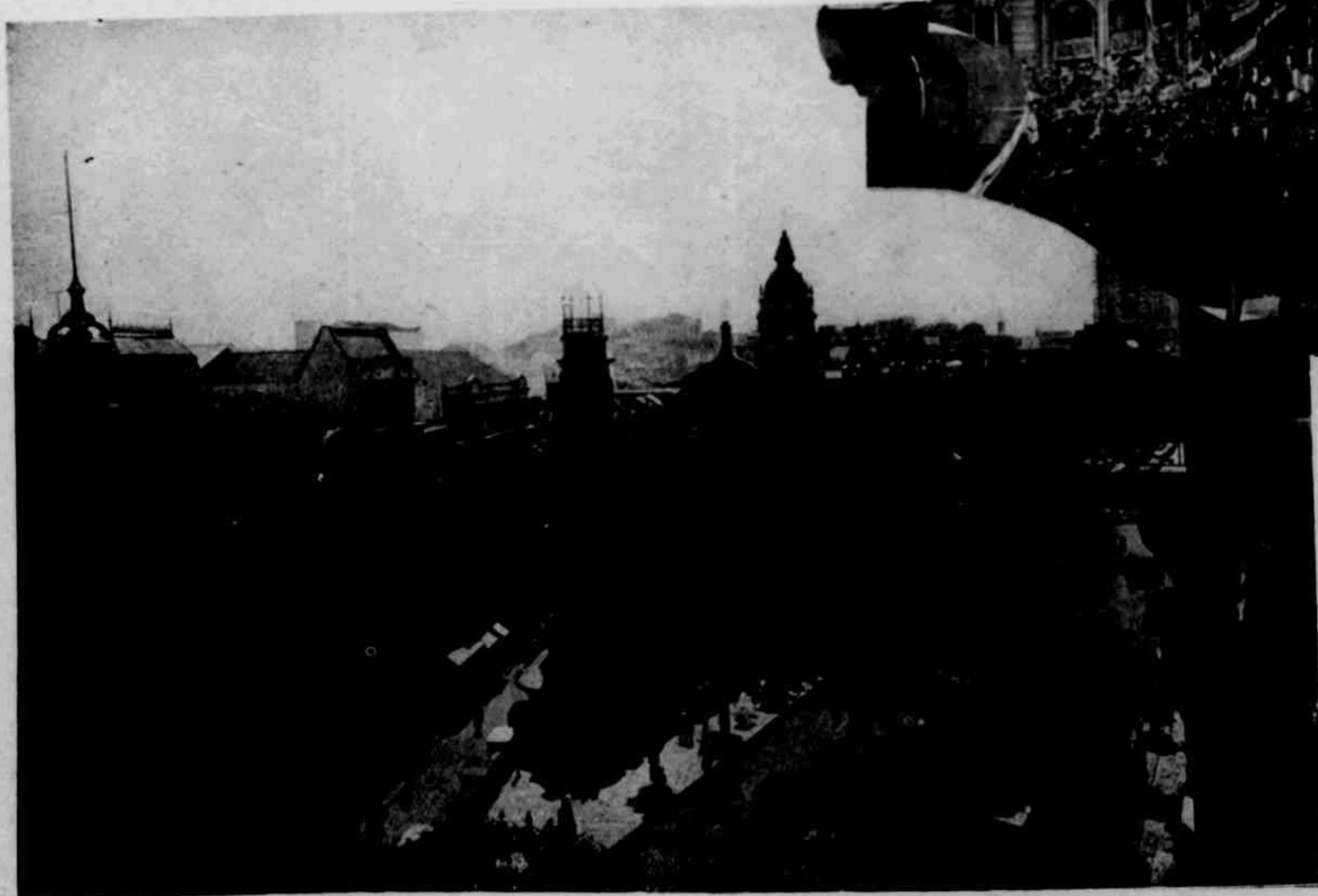
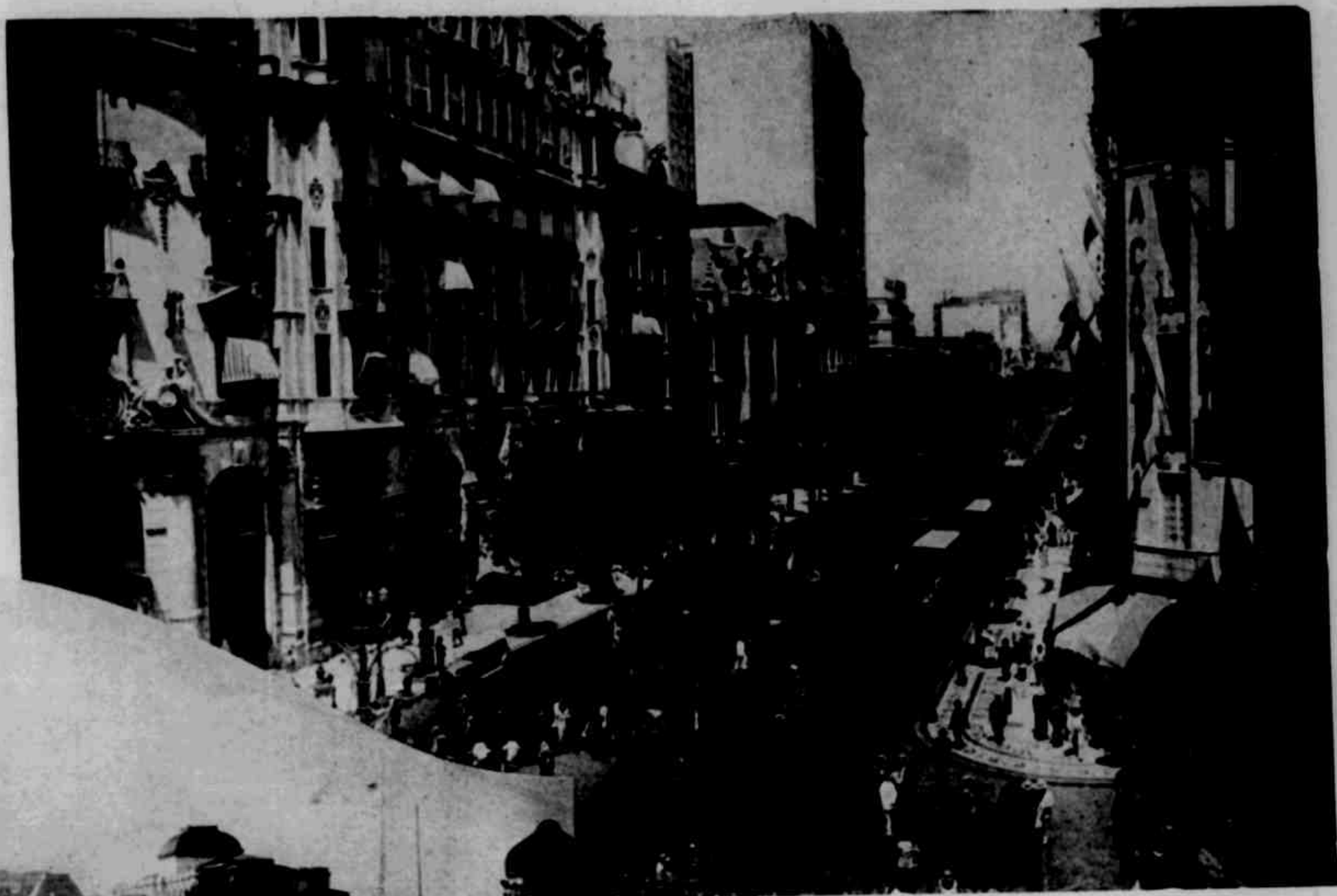
A cultura artistica da dansa deve despertar nas almas das alumnas a ansia suprema de perfeição e de belleza, contribuindo, ao mesmo tempo, para a formação do corpo são e bello e do espirito são e esthetico, segundo o preceito imperecivel: "mens sana in corpore sano est". Por isto, a educação choreographica representa o apice, "o proprio tronco" da cultura physico-esthetica, invocando a phrase do principe literario do Brasil, o illustre Coelho Netto, quando elle deu parabens para a inauguração deste "Curso de Belleza e Graça".

ALBERTO FIGUEIREDO PIMENTEL

EMBARCOU quarta-feira para os Estados Unidos, onde vae servir na Embaixada Mexicana de Washington, o senhor Luis Quintanilla que durante dois annos foi secretario da Embaixada aqui, tendo por duas vezes exercido o cargo de Encarregado de Negocios.

Luis Quintanilla é um dos mais bellos nomes da intelligencia nova na America, poeta de vanguarda dos mais acclamados entre os modernos poetas continentaes. E é um grande amigo do Brasil.

O JUBILEU DA AVENIDA

Missa em acção de graças — No Club de Engenharia — O Sr. Paulo de Frontin discursando na Associação dos Empregados no Commercio — No salão da Associação promotora dos festejos.

1 9 0 4

ASPEC
D
..VEN
N
DI
E
QU
FE
25 A

1 9 2 9

PECTOS
DA
ENIDA
NO
DIA
EM
QUE
FEZ
ANNOS

Historia que o tempo relembrou

Vem do outro lado. Lá de longe. Do tempo da minha meninice.

Lembro-me bem.

Foi em Belém, na minha terra. Terra bonita, cheia de gente e de coisas bonitas. Terra ingenua.

Foi em Belém que eu vi pela primeira vez um Judas. De palha. Roupa preta escancarada num rasgão. Bocca branca de giz escancarada numa careta.

Lá no Largo de São Braz.

No galho mais á mão de uma mangueira, elles puzeram o coitado. E ficaram cá em baixo. Tambem rasgados e sujos. Gritando. Batendo com uma vara. Felizes na sua alegria boa.

O Toninho. O Juca. O Alvaro. E um portuguezinho ladrão, Albino, filho de um merceeiro ali do Largo.

Eu cheguei e quiz tambem jogar pedra e correr como os outros.

No cáes do porto, quando embarcaram para a Europa os senhores Flavio Brandt, Daniel e Gabriel Vivacqua.

Mas não pude. Fiquei preso pelos braços seccos da minha governante barbadiana. Tinha que ficar ali. Junto della. Duro e espigado na minha roupa branca. Boneco de páo.

E emquanto os outros pulavam eu ouvia os "hagás" horriveis, do seu horrivel inglez colonial. Me explicou que eram moleques. Que eu não era. Falou. Falou. Falou. E terminou me levando pra casa.

Eu vim pensando que não havia mais Judas. De facto, não vi outro no resto do anno.

E passaram quatro, cinco, seis annos e eu não encontrara Judas nenhum.

Vim pro Rio.

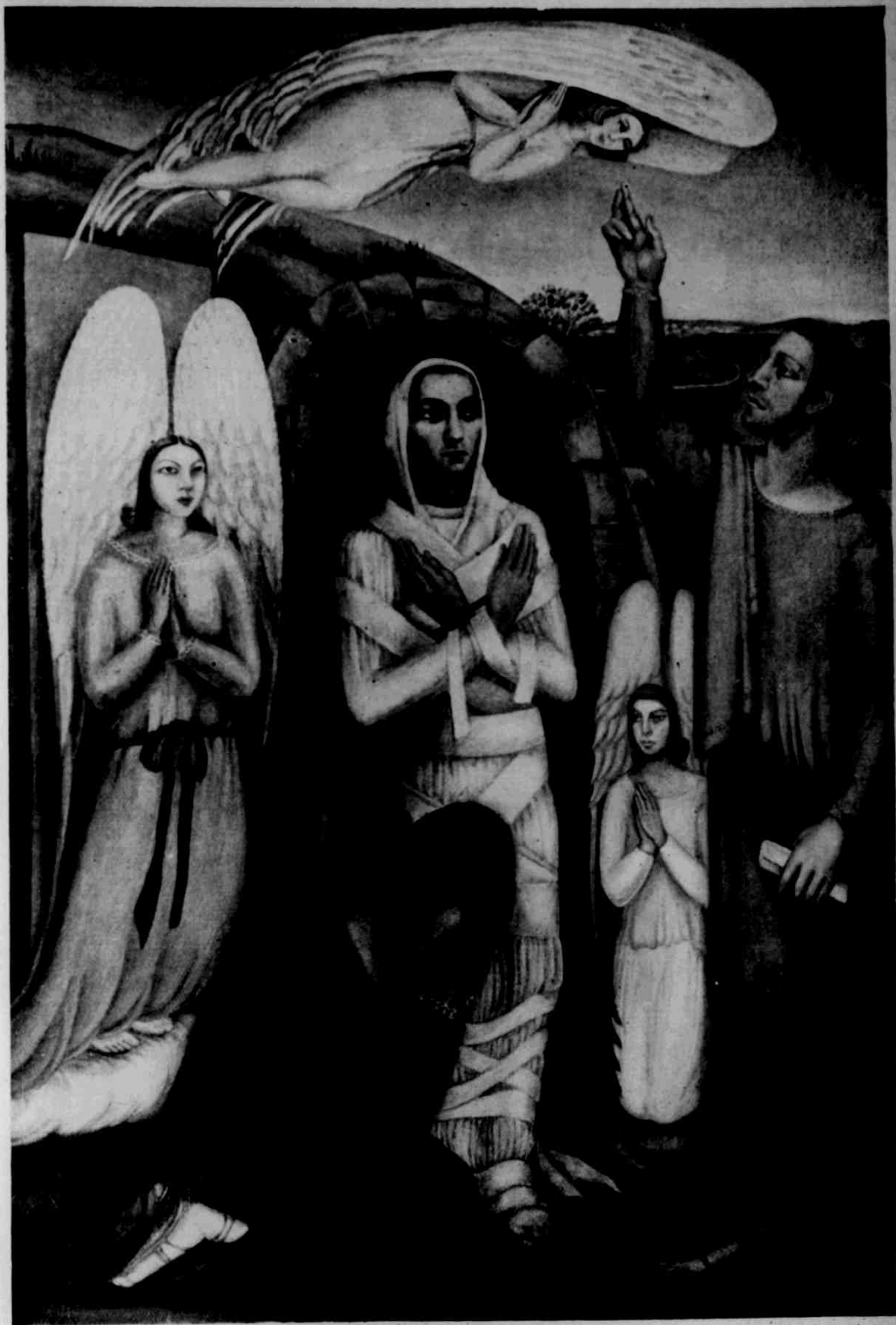
Cresci e dei pra escrever. Comecei a conhecer gente. E a encontrar Judas... Por toda parte. Por todo o canto.

Mas tambem não podia ser doutra maneira.

O que, os Judas andam soltos e ninguem faz nada. Não apparece um christão pra amarral-o. Ninguem joga pedra. Nem nome feio.

Parece até que toda gente tem governante barbadiana...

DANTE ANGYONE COSTA

Chegada do Dr. Rudolph Mann, director da I. G. Farbenindustrie A. G., e de sua Exma. Senhora

Resurreição de Lazaro. Quadro de Annita Malfatti

BELLAS ARTES

Architectura romana e suas ordens

A notavel batalha de Cynocephalos foi o instante da grande dôr da alma heroica da Grecia. Hoplitas, argyroplitas, chrysoplitas, todo um grande exercito armado de lanças e protegido de escudos, enfrentaram, num momento supremo, para decidir os destinos da patria, as vastas legiões romanas compostas de centurias, columnas de lictores armados de varas de ferro, lanças, bipennatas e machados de cobre.

Phalanges e legiões encontraram-se ao som estridente de buzinas bellicas, de concavas tubas bronzeas.

Agitavam-se, no torvelim tempestuoso das paixões guerreiras, hordas de sagittarios, armados de arco e carcaz, tendo, esplendentes á luz, sobre as cabeças inquietas, capacetes de metal flammante. Eram bestas pesadas, catapultas, todo um arsenal de guerra em mãos habituadas ao manejo hostil das armas.

E assim, phalanges e legiões, umas embaladas pelos sons da lyra de Terprando, outras saciadas pelo leite de uma loba, segundo a lenda de Romulo e Remo; assim — hoplitas de Marathona e Maantenéa, cataphractas de Alexandre luctaram, corpo a corpo, com as centurias victoriosas de Carthago e os sceleres de Flaminius.

Roma antegozava a hora suprema da victoria. Roma, senhora do mundo, ia vencer a patria da Belleza pela força dos seus guerreiros para reconhecer a inferioridade da sua cultura ante o esplendor da arte da Grecia. Pela victoria de suas legiões recebiam os romanos a herança fabulosa de belleza, origem de novas concepções de arte. Raça por excellencia assimilladora, foi aos poucos absorvendo o grande manancial de cultura da Grecia, libertando-se de processos retrogrados.

Datam dessa época os grandes monumentos da sua arte, caracterisados na architectura, pelos arcos de triumpho, basilicas, acqueductos, thermas, piscinas, porticos, etc.

Senhores do mundo, dentro de uma epopéa guerreira e conquistadora, animada de Famas e Aguias imperiaes os romanos como que sorviam a civilisação artistica dos gregos.

Para isso retinham em suas terras os artistas da Grecia.

Retrato do menino Reynaldo Porchat Neto, executado pelo esculptor Quirino Silva, um dos espiritos mais brilhantes da geração nova. Quirino Silva é o autor do "D. Quixote" que tantos applausos mereceu no Salão de Bellas Artes de 1928.

"La piccola borgheza", quadro de Antonio Barrera.

Si os romanos seguiram os modelos gregos e etruscos deram porém aos seus edificios uma imponente majestade.

O encanto e a sobriedade do dorico empolgaram-nos no começo, depois o jonico e o corynthio. Mais tarde então surge, quasi com os albores da civilisação bysantina, a creação do composito, nascido da fusão dos dois ultimos estylos.

Notabilisou-se como uma das maravilhas da arte antiga o monumento dedicado ao imperador Adriano, que tinha a altura de 95 metros, sendo por isso a mais elevada sepultura conhecida depois das pyramides.

Ed ficaram monumentaes theatros em Orange, em Gand, em Nimes, em Herculanum e em Pompeia.

As modernas excavações fizeram surgir os restos do Forum do templo de Jupiter Capitolino.

Para commemorar a grande victoria de Cesar Augusto e pelo estabelecimento de paz universal em todo o imperio fez Agrippa, ministro e genro do imperador, erigir o "Pantheon".

Outras ruinas grandiosas são as do Colyseu romano, do theatro de Marcello.

No governo de Trajano, Apollodoro, architecto e esculptor, esculpiu trinta e quatro grandes blócos, monolythos de marmore, que, collocados uns sobre os outros, ficaram perfeitamente superpostos. Pelo interior cavou o esculptor uma escada em espiral até a altura de perto de 50 metros.

Em Portugal deixaram os romanos algumas ruinas importantes como a do templo de Diana em Evora, assim como tambem na França e na Allemanha.

A archeologia, que tem arrancado das camadas do sub-solo os mais preciosos monumentos, reconstituia as melhores paginas do passado que jaziam soterradas.

Por esse meio surgiram os monumentos da Assyria e as maravilhas de Babylonia e de Ninive, de Herculanum e Pompeia e de tantas outras civilisações desapparecidas.

A N I B A L M A T T O S

EM CIMA:

MARIA THEREZA PENNA E MARIA JOSE' PIMENTEL, PRIMINHAS.

EM BAIXO:

MARIA DA CONCEIÇÃO, SOBRINHA DO CAMPEÃO ARNOLD VOIGT.

AS DUAS

POR JOSÉ DO ROBERTO-RODRIGUES

Nessa época de absoluta decadencia theatral, sentia-se todo o esforço estertorante da empreitada, através da estrepitosa reclame que os jornaes estavam fazendo á nova peça que ia á scena no Theatro Lucinda. Era uma revista — genero que o publico parecia preferir — montada por uma associação de artistas, que empenhavam os derradeiros haveres nessa ultima tentativa.

Ensaiavam afanosamente, faziam pintar os scenarios a toda pressa, escrever com urgencia a musica. Era um heroico emprehendimento, em que punham a suprema esperança. Os jornaes encareciam: *"Vão adiantadissimos os ensaios da nova revista a subir á scena no Lucinda. Escripta especialmente para a grande companhia nacional que a vae representar, os diversos papeis foram talhados para cada um dos artistas que os interpretará, não duvidando do exito da peça quantos têm visto o apuro com que está sendo ensaiada."*

Fui vêr tambem.

Noite.

O jardim do theatro mergulhava numa densa penumbra.

A um lado, ás mesas do botequim tambem no escuro, havia grupos a conversar.

Do outro lado a platéa. Lá ao fundo o palco, illuminado por um renque de gambiarras accesas.

No proscenio, rente á cupola do ponto, o ensaiador, sentado á sua mesa, seguia os tramites de uma scena entre os "compadres" e um personagem:

— Você passa a 2 agora; e você sobe...

Além, aos lados, ao fundo, em grupos que se formavam ao acaso, em torno deste ou daquelle, os artistas e os córos esperavam, palestrando, a sua hora de "entrar".

O ensaiador ergueu a voz:

— Attenção! Os córos! A entrada dos córos!...

Houve um esvoaçar de saias.

— Metade pela direita, metade pela esquerda. Cruzam ao centro e descem...

A postos, de ambos os lados da scena, as coristas esperavam. Era uma duzia de mulheres magras ou adiposas, mas todas desoladoramente vestidas, fatigadas, de olhos fundos e faces macilentas. Algumas, já grisalhas, tinham um ar exhausto, que lhes sublinhava a antiguidade das fórmas flacidas e mammudas. Outras tinham nos olhos cavos brilhos febris, tremores nos labios pallidos. Mas todas se endireitaram, se empertigaram, á voz do ensaiador:

— Maestro, musica.

E com um gesto de commando:

— Entrem!

O piano plangeu.

Em passinhos rythmados e medidos, e saltitantes como o compasso da melodia, as coristas avançaram até meio do palco. Mas o ensaiador bateu na mesa, levantou-se contrariado e solenne, na sua velha sobrecasaca cheia de nodoas:

— Não é isso!

Apinhou os dedos, explicando com uma certa impaciencia:

— As senhoras são mariposas. Precisam ser trefegas! Precisam sorrir!

E sorria, entreabrindo os labios sobre as gengivas desdentadas, erguendo um braço donairoso em ademanes gentis, andando em passos choreographicos, com os sapatos cambados:

— Vejam! Assim!...

E então, voltando á mesa, ordenou:

— Vamos, entrem!

As doze creaturas "entraram", melodramaticas, sorrindo e requebrando-se, ao som do piano martellado.

O ensaiador repetia:

—Lembrem-se de que são mariposas!

O maestro balançou a cabeça; e o côro todo:

> Nós somos gentis mariposas,
> Que adejam de leve...

E com um gesto em que pareciam puxar dos labios uma fita, accrescentavam sibilantes, voltando-se altaneiramente para os lados:

Zzzt!... Zzzt!...

Então, magrissima, pelo fundo, vestindo uma blusinha de cassa e uma rala saia preta, entrou em scena a "primeira mariposa" — velha

MASCARAS

PATROCINIO FILHO FEZ OS DESENHOS

actriz de nomeada, que fôra, em tempos, das que mais se destacaram nos dramas romanticos.

Em passinhos meudos e valsados, lançando beijos aos camarotes vasios, com as pontas dos dedos engelhados, era toda uma venia, na devastação das suas rugas, ao chegar ao proscenio.

Equilibrando-se na ponta de um dos pés, levantou a outra perna, abrindo os braços, e cantou finalmente:

Viver descuidosa
N'um halo de luz!
Que sorte ditosa,
Meu vôo conduz!...

E o côro fazia:

Zzzt!... Zzzt!...

— Assim! Lembrem-se de que são mariposas!

Mas, subito, a "primeira mariposa" levou a mão á tempora, cambaleou. Ampararam-na. O piano calou-se.

— Que é isso?!

Tiraram-na de scena, sentaram-na a uma cadeira, junto do bastidor. Rodearam-na.

— Que foi, heim?...

— Queé que ella tem?

— Ora, coitada, é fraqueza... Ella hoje não almoçou nem jantou...

Corri a buscar uma garrafa de leite e uns bolos que lhe trouxe. Ella voltára a si. Acceitou commovida. Entrámos no seu camarim. Desatou a chorar...

— Vamos... Que é isso! Tome o leite...

Em scena, o ensaio recomeçára. O côro atacava sózinho o estribilho das mariposas.

Ella me disse, banhada em lagrimas:

— Ha tres mezes que só ganhei dez mil réis num cinema. Estou neste estado . Hoje não tinha comido nada...

Nós somos gentis mariposas,
Que adejam de leve...

— Meu filho me dá uma mesada de cincoenta mil réis. Mas só de quarto, pago trinta e cinco... Ficam-me quinze para comer e vestir...

A voz do ensaiador retumba lá em scena:

— O passo mais curto, seguindo a musica!

— Aqui, ainda não se póde contâr com coisa alguma: não ha vintém...

— Cruzem de novo!

— E o que mais me afflige, é que eu estou atrazada no aluguel do quarto...

Fez u mgesto tristissimo. Entretanto, apesar da palpavel realidade da sua amargura, dir-se-ia que era um dos gestos das *Duas orphãs*, artificial e eximio...

— Entro em casa ás escondidas, porque o senhorio quer me pôr fóra...

.. Cahindo-lhe no estomago vasio, o leite provocára-lhe um soluço que a sacudia toda...

— Só estou devendo um mez, mas nem assim, elle quer esperar até a primeira representação!!...

As lagrimas misturavam-se com o leite, pingavam-lhe da ponta do nariz afilado.

.. Vinham écos do ensaio:

— Vamos repetir desde a entrada...

— Não sei como ha de ser!...

— Maestro, musica!

Nós somos gentis mariposas,
Que adejam de leve...

Ella chorava, mastigando os bolos...

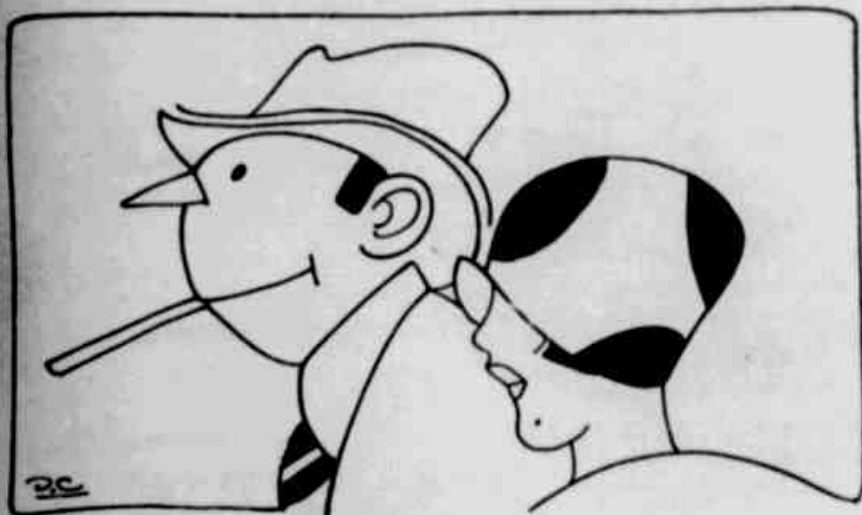
— Tomem um ar gracioso... Vamos... Lembrem-se de que são mariposas!...

Voar descuidosa,
N'um halo de luz!
Que sorte ditosa,
Meu vôo conduz!...

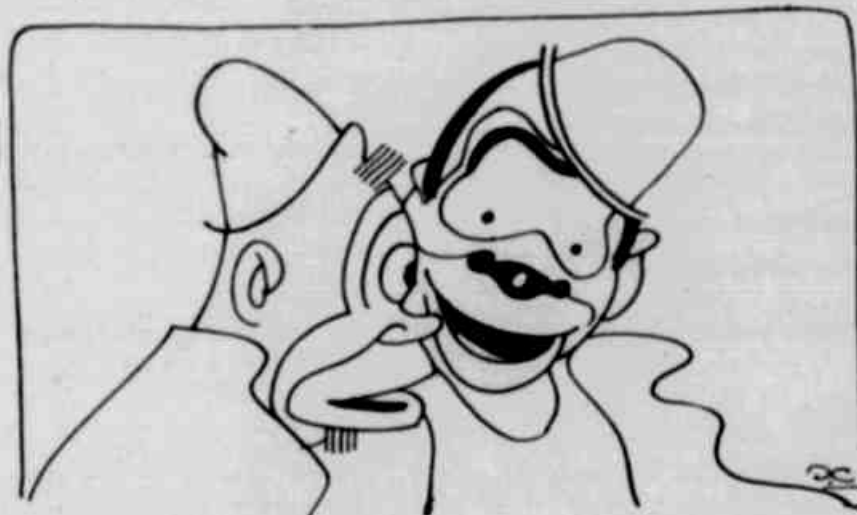
UM CAMPEONATO

— Meu avô morreu num desastre de aeroplano . . . .

— O meu morreu esmagado pelo aeroplano que cahiu com seu avô

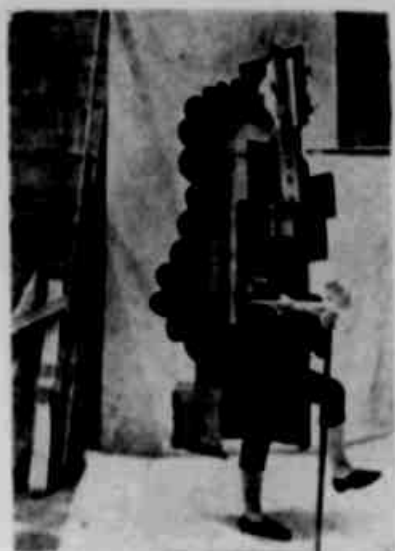
— O meu era aquelle homem que foi correndo chamar a Assistencia para soccorrer os seus avós.

SEGREDOS

Ella — E' verdade que a Margarida mantem comtigo um flirt escandaloso?

Elle — Não sei. Eu não me metto com a vida dos outros.

SONHOS

— Ah, Pé de Pato! Si eu fosse muito rico, mas cheio mesmo de dinheiro, comprava um Ford...

"Parade"

PICASSO e a Decoração Theatral

"Parade"

Querendo citar Picasso como homem de theatro, é preciso esquecer a serie de arlequins e bailarinas — sósinhas e em grupos — que são os seus desenhos mais procurados.

Nos scenarios para os Bailados Russos de Sergio de Diaghilew e para as "Soirées de Paris" do Conde de Beaumont é que se manifesta realmente o genio inventivo de Picasso, assim como uma nova modalidade de seu instincto plastico e a concordancia entre todas as suas obras.

E' verdade que tanto arlequins como bailarinas demonstram a attracção exercida pelo theatro em Picasso, sobretudo no que elle tem de mais brilhante e menos artificial, isto é, fontes de emoção mais directa. Não se póde negar, entretanto, que haja nessas obras elementos extra-picturaes, a sentimentalidade dos arlequins e o gosto das attitudes e dos gestos das bailarinas.

Os velarios para os bailados não são mais do que quadros augmentados; são como que avisos preparatorios ao espectaculo, sem ser propriamente theatro.

Embora isto seja um indicio da seducção que sobre Picasso exerce um meio fertil em possibilidades, não póde, entretanto, dar uma idéa dos recursos plasticos que haviam de ser os seus em realizações scenographicas mais completas e mais directas.

Não ha arte mais cheia de convenções do que a theatral. No entanto, este convencionalismo póde ser tão absoluto que se torna mais leal e mais verdadeiro do que uma concepção escrupulosamente realista, chegando mesmo a crear um ambiente proprio.

A possibilidade de construir livremente, fóra de todo e qualquer "truc", a possibilidade de franqueza que se lhe offereciam, não podiam deixar de seduzir Picasso. Os proprios artificios do theatro davam-lhe occasião a realizações plasticas impossiveis de encontrar fóra delle.

Sem duvida, ainda não lhe havia isto occorrido quando, por Sergio de Diaghilew lhe foi encommendado o scenario de "Parade". Este bailado de Jean Cocteau e Erik Satie, executado em 1917 no "Châtelet", desencadeou polemicas violentas. O director dos Bailados Russos, porém, tinha comprehendido pelas telas de Picasso o que este seria capaz de fazer para renovar a arte da scenographia.

Não é nos arlequins e bailarinas que se encontra a verdadeira originalidade theatral de Picasso; parece um paradoxo affirmal-o, mas são justamente suas obras executadas com maior reflexão que mais originalidade demonstram. A realidade superior que ha nos seus quadros—realidade em diversos planos, sem intervenção de modelagem e de sombras — parecia que se havia de adaptar á scena.

Esta offerecia, emfim, ao pintor um espaço effectivo de tres dimensões, no qual lhe era licito dispôr os elementos segundo uma ordem estricta como si se tratasse de um quadro no cavalete, tendo, ao mesmo tempo, o constrangimento de regras, tanto ou mais severas ainda. Esta disciplina não podia desagradar a um pintor cubista, tanto mais que esse espaço lhe permittia dar ás coisas um volume real.

A esculptura, embora tenha por vezes attrahido Picasso, não lhe offerecia as mesmas facilidades que a decoração theatral, mais proxima da architectura. Na rampa ha mais liberdade para as construcções hypotheticas. Póde-se obter uma relação de volumes menos vulgar e mais ideal.

—

A obra de Picasso, já importante em 1917, faz a prever como inevitavel o seu exito no theatro e hoje é indiscutivel.

O primeiro scenario que elle imaginou é, talvez, o que mais agrada ao publico em geral, o mais typico e o que resume melhor os differentes aspectos das tendencias de Picasso sob o ponto de vista theatral.

O thema de "Parade" já por si é fertil em suggestões. Resumia as tendencias de uma geração que rehabilitara o circo. E' facil comprehender porque os moços dessa época consideram o circo como uma das expressões mais exactas de suas aspirações, como um symbolo quasi. Tudo o que nelle ha de essencial, de ordenado, as emoções directas que provoca, a necessidade que tem cada actor de demonstrar individualidade em themas já conhecidos e quasi invariaveis, devia attrahir homens que julgavam dar á arte uma nova disciplina, impôr-lhe regras estrictas, sem renunciar, entretanto, á fantasia.

Picasso não desprezou nenhuma das opportunidades do assumpto offerecido por Cocteau e foi o facto de ter ousado pôl-as em pratica que provocou escandalo. Estes ultimos onze annos marcaram uma evolução no publico, mais profunda do que geralmente se julga, e hoje ninguem teria idéa de vaiar, por exemplo, o cavallo de "Parade". Este era, no entanto, um personagem francamente comico e o menos aggressivo, pois no circo é frequente verse um animal figurado por dois homens debaixo de um só envolucro.

O burlesco ainda não tinha sido elevado, talvez, a uma tal intensidade comica, e já que se tratava de um "espectaculo de arte", os espectadores preferiam, sem duvida, uma visão grave e austera. Hoje mesmo não se chegou a comprehender bem que, por se tratar de arte, não é necessario, por isso, excluir a alegria e mesmo a farça.

O cavallo de "Parade" de que tanto se falou, a ponto de elevalo-o á altura de um symbolo revolucionario, não constituia, entretanto, a creação principal de Picasso nesse bailado. Era até a menos importante, mas servia como que de traço de união entre os dois "managers" e o grupo de actores de café-concerto, os primeiros de concepção bastante abstracta na sua rigidez architectural e tonalidades neutras, os segundos só em movimentos e arabescos, simples estylizações de personagens reaes.

O cavallo apparecia apenas como um esboço, tão distante das composições rigorosamente ordenadas, de uma comicidade um pouco parada, como dos dansarinos vestidos segundo os principios os mais communs. Tinha assim a significação de um esboço de Picasso, daquelles que antes da obra toda acabada não se póde dizer se será um desenho estylo Ingres ou uma abstracção decorativa.

Provavelmente pelo facto de ser um traço de união, o pobre cavallo tornou-se o centro de todas as polemicas. Seria, entanto, mais admissivel que os outros dois "managers" se tornassem o alvo, pois eram feitos segundo as regras do cubismo ultra orthodoxo, isto é, constituiam um conjuncto plastico, cujos elementos embora tirados da realidade, eram agrupados pelo artista, de accôrdo com a sua exclusiva vontade.

Assim pareciam tanto pertencer ao scenario como participar da acção. Os movimentos (Conclue na pagina n. 41)

O cavallo de "Parade"

EDNA MAY

Cinema

EDUCAR PRIMEIRO, DISTRAHIR DEPOIS

A cinematographia é uma arte nova. E, no entanto, ha quem julgue que ella já fez tudo o que tinha que fazer. Os espiritos superficiaes ficarão bem surprehendidos se lhes affirmarmos que a setima arte está dando ainda os seus primeiros passos e ainda não encetou a sua tarefa essencial.

Póde-se realmente chamar comedias ou dramas aos passatempos sem alcance algum que, em geral, nos têm até agora apresentado na téla? Não venham dizer que o cinematographo se dirige especialmente ao grosso publico e que este requer uma arte vulgar. E' argumento que não serve. Uma idéa profunda e forte póde ser apreciada por todo o mundo quando apresentada com clareza e, tendo o cuidado de pôr de parte os assumptos que requerem uma cultura preparatoria para serem comprehendidos, nada impede que se apresentem diamantes em toda a sua pureza ás massas populares, em vez de os cobrir de talco; e assim os intellectuaes tornarão a frequentar as salas de que haviam sido afastados systematicamente.

Os themas a serem tratados d'ora avante devem ser simples e de alcance geral; devem ter um ponto de partida escolhido na consciencia universal, afim de dar ensejo a films de grande expansão. O autor, persuadido, que assume graves responsabilidades estheticas e moraes, não pensará unicamente em divertir, mas sem perder isso de vista, produzirá obra digna de exercer uma influencia profunda sobre o coração e o espirito de povos innumeros. — **Jacques Roullet.**

SILENCIO, TAGARELLAS

"O silencio é de ouro". A velha formula affixada em muitas repartições devia ser affixada tambem em todos os cinemas, e em logar bem vizivel.

A tagarellice é um velho defeito que nos afflige. Não esperem os incorrigiveis a diffusão do film falante para abafar suas palavras inuteis.

Lembrem-se que querendo fazer-se admirar da pessoa que os acompanha, não fazem mais do que cahir no ridiculo junto aos que os rodeiam.

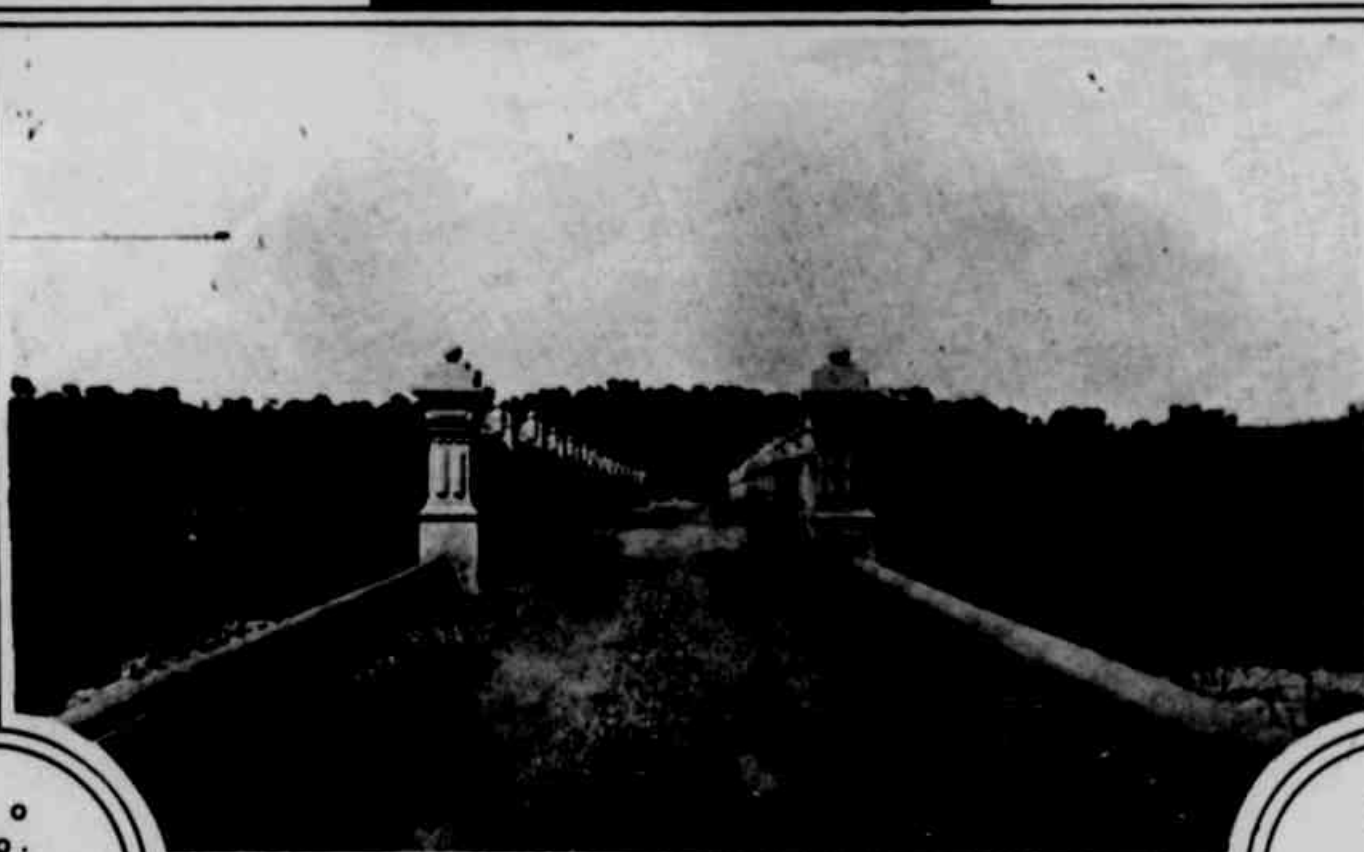
Que este receio ponha um freio á sua pretenciosa tagarellice, fazendo-nos assim o immenso favor de não nos exasperar mais! — **Renét Ginet.**

Marinheiros americanos junto da velha Esphinge e das velhas pyramides do Egypto.

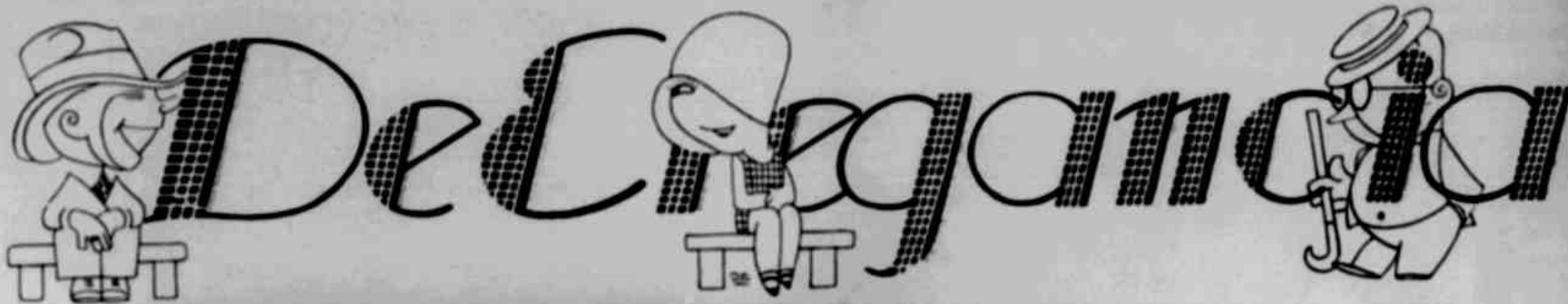
No velho Cairo: um passa-tempo muito usado á beira das calçadas dos bairros pobres.

JARDIM DO YPIRANGA
CUYABA

Praça da Republica. Cuyabá.

Palacio da Instrucção. Cuyabá.

Ponte sobre o Rio Ribeirão.

No Estado de Matto Grosso.

De Elegancia

PROCOPIO FERREIRA

No Trianon. Pergunto por Procopio Ferreira. Attende-me o secretario do popular artista, e, gentilmente me conduz ao camarim do entrevistado de hoje.

Procopio, preparado para a scena, acolhe-me de sorriso nos labios.

O "interview" não fôra annunciado com antecedencia, por isso mesmo mais interessante e interessantissima a expressão entre surpresa e interrogativa de quem era, assim, colhido de chôfre.

Falei-lhe, então, no "Para todos...", nos amigos da casa, na secção.

— Ah! já sei — disse-me — Tenho lido a opinião da gente illustre que entrevista para a sua pagina.

— E á gente illutsre que tem dito de elegancia quero incluir o seu nome.

— Eu!?... A mim!?... O meu nome!?... Mas não sou elegante, não sou elegante, não sei commentar elegancia!

— Sabe. Excusa-se por modestia. Pessoa do seu espirito entende, senão muito, pelo menos o "quantum" de tudo.

Procopio queixou-se do calôr, do camarim desconfortavel. Tinha razão. Tarde de sabbado, e senegalesca. O camarim deixava muito a desejar. A arte theatral, entre nós, não marcha por muitos motivos. Se contamos com meia duzia de artistas de valor, o governo não incentiva o esforço, a abnegação dessa gente. Trabalham, assim, sósinhos, arcando com innumeras difficuldades. E conseguem, desse modo, demonstrar que temos artistas, embora não tenhamos theatros, esquecendo-se governantes e publico, de que, como disse Procopio Ferreira, o theatro é o mais significativo attestado de civilização.

— Diga-me, porém, da elegancia.

— Masculina? Feminina?

— Principie pela masculina.

— Elegancia masculina... Os homens que se vestem bem, se intelligentes, disfarçam a preoccupação da elegancia.

— Mas o que receitaria, como dosaria a arte de bem vestir?

— Isso é questão de criterio. Um homem da minha estatura, por exemplo, não usa calças de quarenta centimetros de largo nem paletot muito cintado. Faça tambem uma idéa do que seria eu com um chapéo a Tom Mix. Ridiculo, detestavel. Andaria sempre de guarda chuva, ou de guarda sol, pelas ruas da cidade.

— As suas roupas...

— O meu alfaiate obedece cegamente á minha noção de equilibrio esthetico. Não poderia eu usar casaca como toda a gente. A altura das calças para o traje de rigor tem de ser acima da normal, como a aba da casaca, na frente, deve ser mais curta que a commum para que as pontas, atraz, não venham á curva dos joelhos. Evito, desse modo, fazer, em scena, pifia figura e dar attestado de máo gosto.

— E a mulher elegante?

Na physionomia de Procopio caracterisada de velho, fuzilaram os olhos de moço. E sorriu, sem responder de prompto. Insisti. E elle:

— Quer que lhe fale da elegancia estival?

— Póde ser. E da outra tambem... Da elegancia segundo a estação.

— No Rio de Janeiro, a primavera succede ao calor intenso. Quasi não temos inverno. Dahi, talvez, o gosto das cariocas pelas côres berrantes, pelos vestidos decotados e braços á mostra, na rua.

Sorri eu, a meu turno, eu que sentia muito calor e estava de branco, embora sem decote, mas de braços nús. E perguntei:

— Concorda em que o inverno favorece mais a elegancia?

— Claro. E ahi está porque a paulista parece mais elegante que a carioca. Approxima-se muito da européa.

— Terra da garôa... Tambem eu quero muito a São Paulo.

— E ás paulistas?

— S. Paulo e paulistas. Terra privilegiada, gente privilegiada. A seu vêr, a paulista é mais elegante que a carioca?

— O clima, as roupas enfeitadas de pelle, os tecidos...

— Prefere, então, as mulheres mais vestidas?... Riu, dessa vez gostosamente, o artista illustre, e:

— Gosto de apreciar o modo por que assentam as roupas nas mulheres. Mas... é paulista? Carioca?

— Socegue. Nem uma nem outra cousa. Aprecio o Rio. Admiro S. Paulo. O Rio é a natureza summamente prodiga. S. Paulo é o esforço do homem. Passemos, porém, adiante. Esteve na Argentina, no Uruguay. Que me conta das elegantes de lá?

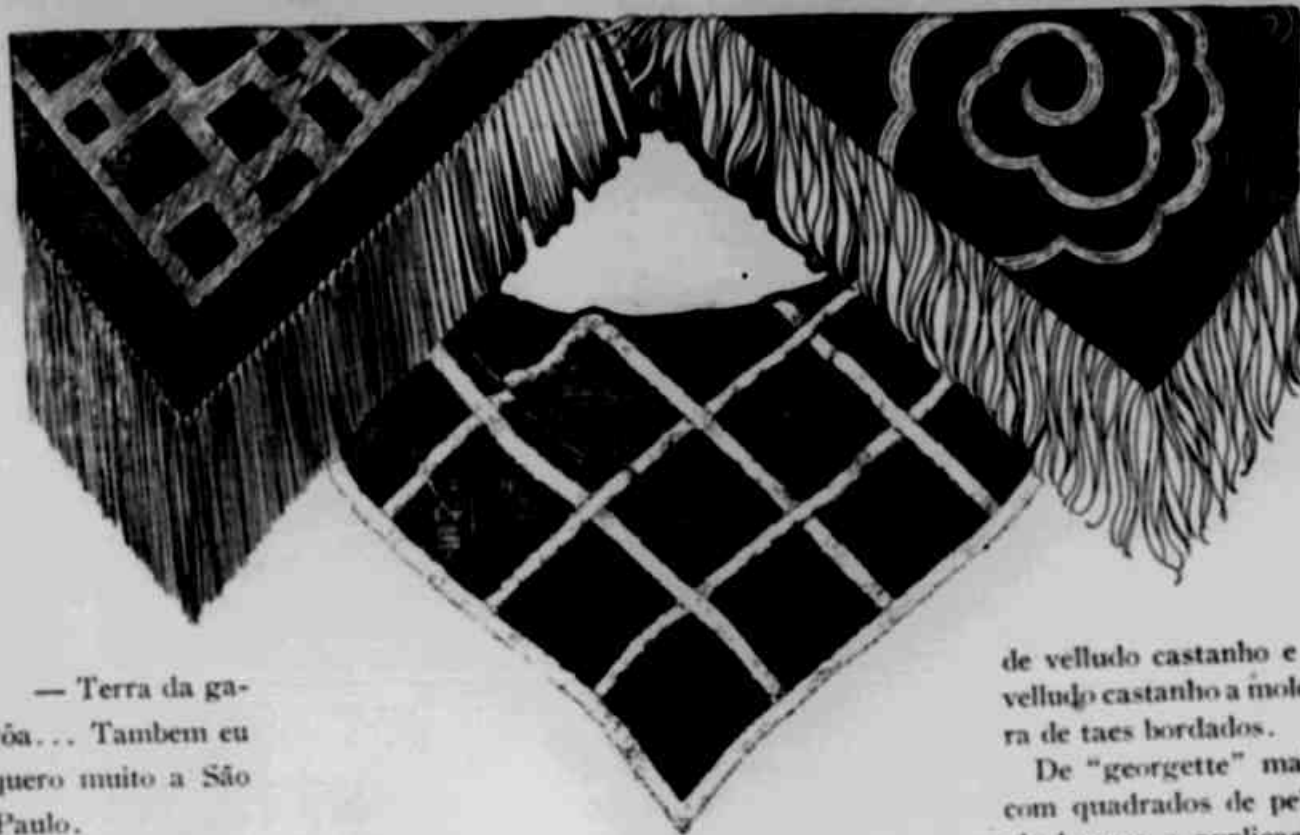
— A uruguaya é mais "chic" que a argentina. Em Pozitos, praia de banhos do Uruguay, senti a mais completa sensação de elegancia.

Fez-se ouvir o toque para começo da vesperal. A conversa ainda não estava finda e o artista tinha de entrar em scena. De uma frisa que elle me offerecera assisti ao primeiro acto de "Que culpa tenho eu de ser bonito". Scenarios lindos. Uma "terrasse" de casa rica, muito florida, primaveril. Artistas novas, intelligentes, bonitas e bem vestidas. Conjuncto harmonioso sob a direcção de Procopio, que, como todos sabem, seduz facilmente a platéa.

No primeiro intervallo, antes de continuarmos a palestra interrompida, felicitei-o. A impressão fôra, de facto, das mais agradaveis, e, apesar da temperatura escaldante, platéa numerosa.

— Obrigado. Tambem os Cinemas são frequentadissimos, no verão. As salas escuras desenvolveram e adeantaram de muito a arte do namôro, e as fitas ensinaram o que faltava aprender. Ninguem se escandalisa com as licenciosidades da téla. Os beijos, lá, (falo só dos beijos do Cinema, do quadro de projecção) são naturalissimos, ao passo que, em scena, labios collados... Deus nos acuda!

— Muito bem. O tempo torna a escassear. Peço-lhe um retrato seu.

Procopio apresentou-me varios a escomer. Offereceu-me um e deu-me esse que aqui está, de perfil, accrescentando: — E' para que não tornem a falar mal do meu nariz.

Novo signal para levantar o panno. Disse adeus ao artista. E ahi está a conversa, que, se não é muito fiel, a culpa cabe exclusivamente á minha memoria.

Os representantes dos automoveis "Stutz", marca de carros de luxo que tambem expõem agora uma limousine a que nem falta o aperfeiçoamento do radio, expõem, outrosim, automoveis "Blak Hawk", chegadinhos agora. Carros elegantissimos, têem conseguido publico tambem elegante e maior numero de compradores. Assim, a loja da rua Evaristo da Veiga, é vae e vem do que o Rio conta de "chic" e pratico.

Os chales andam muito na moda. Chales para inverno e verão são sempre caros. Apresento hoje ás leitoras alguns que poderão ser feitos com pouco numerario. O primeiro é de "georgette" azul turqueza, franjas de séda do mesmo tom, quadrados de velludo azul turqueza. De vez em quando uma applicação

de velludo castanho e de velludo castanho a moldura de taes bordados.

De "georgette" malva com quadrados de pelluccia branca e applicações de velludo preto, é o segundo; e o terceiro, franjas desfrizadas de plumas de avestruz, desenhos de linha de séda branca, brilhante, debruadas de séda preta, em "georgette" verde esmeralda.

O quarto é de tecido "broché" verde com bordados ou estampado preto e ouro, moldura de setim flexivel verde e grande banda de "lamé" dourado.

O quinto e ultimo é de crêpe da china de tons "dégradés" e banda de velludo do tom mais vivo.

Tambem aqui figuram alguns modelos de vestidos vistos nos salões do cabelleireiro A. Fadigas.

SORCIÈRE

PICASSO e a Decoração Theatral

(CONCLUSÃO)

l'mitados pelas vestimentas, envoltorios rigidos, accentuavam ainda mais esse caracter de meia estabilidade. Picasso achara a transição precisa entre a immobilidade do scenario e o rythmo accelerado dos outros personagens. Aprecia-se deste modo o papel de cada composição, o encadeamento logico que predomina em cada uma das partes e que além de seu valor proprio lhe confere sua verdade'ra significação sómente no conjuncto.

Os personagens de café-concerto (prest'digiador chinez, menina americana, acrobatas) foram estudados com a mesma attenção. Emquanto o vestuario muito simples da menina amer'cana, fazia sobresahir sua exuberancia que chegava a ser frenetica, os "maillots" brancos e azues dos acrobatas — só volutas e curvas flexiveis — parec'am farrapos de céo constellados de estrellas que se enroscassem pelo corpo durante exercicios perigosos. O prestidigiador chinez trazia um vestuario maravilhoso como um sol e que dava a cada gesto seu um quê de irreal.

Cada vestuario tinha, pois, uma significação quasi symbolica, talvez ignorada pelo proprio pintor que, renegando os antigos symbolos, tinha forçosamente de inventar outros afim de crear uma realidade nova.

—

Os scenarios do "Tricornio" e de "Pulcinella" não pertencem a tão vastas concepções. O assumpto destes dois bailados não se prestava ás mesmas experiencias. Em todo o caso, Picasso soube se exhibir do pittoresco de convenção com que se costuma representar a Hespanha e a Italia.

A experiencia de "Parade" não sido inutil. Neste bailado os tons de cinzento que predominavam no scenario, davam realce aos vestuarios e, accentuando o relevo, collocavam realmente os actores no espaço. Sem repetir este processo, Picasso, entretanto, usa ainda o cinzento para demarcar os planos intermediar'os — pois não póde supprimir a perspectiva — e reserva as côres mais vivas para os planos mais afastados.

A perspectiva do scenario constituiu uma nov'dade em decoração thea .l. Não haviam ainda conseguido dar, na scena, uma impressão de espaço tão vasta.

t
lus
onc
cheia
numa
suffici
stallax l
cias, só e
uma quantidade
de vinte e cinco a
brilho que empresta ao
ramente inimitavel e indescri

Contrastando com o fundo sobrio e colorido, os vestuarios davam a nota viva de sua variedade.

Os principaes personagens masculinos tinham vestuarios justos e escuros, e os fem'ninos amplos e de côres vivas. Isto se explica, porque os homens tinham de evoluir no fundo da scena que era a parte mais colorida do scenario, do contrario se tornariam menos visiveis. Vestidos de côres escuras destacavam-se como silhuetas sobre o fundo. Além disso, achavam-se sobre uma ponte e, portanto, acima dos outros actores. Para essa parte do scenario, a bailar'na Tamar Karsavina cobria o seu vestuario claro com um grande chale preto, exprimindo assim a necessidade de opposição que guiára o pintor para os vestuarios dos homens.

Todos esses vestuarios dos homens realçavam-se uns aos outros pelos contrastes, embora Picasso não se tivesse servido, parece que propositalmente, de côres vivas, discordantes, que costumamos julgar propr'as aos Hespanhóes. Assim evitava elle não só a vulgaridade como tambem a c nfusão de côres, de modo que os grupos de personagens se destacariam mal sobre a tela de fundo e não se harmonizariam tão bem ao scenario de composição extremamente simples.

Innovando, Picasso continuava a trad'ção dos Bailados Russos que foram os primeiros a comprehender que os vestuarios e o scenario fazem parte de um todo e devem ter leis communs, sem, entretanto, esquecer o que convem a cada um de per si, isto é, o movimento para os primeiros e a immobilidade para o segundo.

outr...
genero e que as leis plasticas da s...nographia são diversas das da pintu.a propriamente d'ta. E' preciso reconhecer tambem que Picasso fez arte nova em assumptos que se prestavam muito ao pittoresco facil e corriqueiro.

Por outro lado, algumas abstracções de Picasso são de diff'cil adaptação á scena; e se "Parade" constituiu um exito é que nessa época as realizações de Picasso continham elementos architecturaes que conv'nham especialmente a um fim theatral.

—

Mais tarde, a nova orientação de Picasso já não facilitavam semelhantes transposições, como se viu em "Mercurio", o ba'lado de Erik Satie, que o Conde de Beaumont deu ha alguns annos numa das brilhantes "Soirées de Paris" na "La Cigale".

Agora Picasso está fazendo desenhos que lembram Ingres e que ás vezes parecem verdadeiras acrobacias, tal a habil'dade com que elle as executa. Personagens feitos de um só traço de pincel ou de lapis como piruetas, limitam-se a contornos. Compõe assim harmonias de l'nhas e de movimentos, dando-lhe volume muito raramente.

Era muito arriscado querer transpor para a scena esta especie de graphismos e aos dansarinos era qusi impossivel persistir em animar linhas.

"Mercurio" vale mais como experiencia do que como resultado. Era preciso ter coragem para correr semelhante risco. Um artista como Picasso não tem em vista o seu interesse; o mal foi esperarem que de uma tentativa como aquella ficasse alguma de definitiva, e no mesmo genero que o "Tricornio" e "Pulc'nella". Era esquecer muito depressa que Picasso prefere uma tentativa nova, embora incerta e num terreno desconhecido, a um resultado definitivo num assumpto que elle já conheça.

Consideremos "Mercurio" uma etapa. Al'ás a obra toda de Picasso não é mais que uma successão de etapas. Qual o seu fim ? E' possivel que o proprio artista seja o primeiro a ignoral-o e ninguem póde, pois, sem risco, fazer de propheta.

RAYMOND COGNIAT.

A SCISMA DE DEODORO

— Ha quanto tempo você mora neste logar ?

— Neste logar faz sómente seis mezes, sim senhor...

— Onde você morava antes ?

— Antes eu morava no Passo Fundo, ali debaixo da serra, em dois alqueires; mas veiu "seu" coronel e me "enxotou" de lá...

— E você por que não planta alguma cousa aqui ?

— P'ra que "seu" moço ? Daqui ha pouco vem o filho do "seu" coronel e me põe tambem p'ra fóra...

— E por que você não reclama ?

— Eu não reclamo nada. "Seu" coronel já me avisou de que se eu duvidar, elle me manda dar uma surra... Se fôr sómente isso, não é nada, mas elle é capaz de me mandar tambem matar por algum capanga delle, na tocaia... Olhe "seu" moço, o senhor deve saber que naquellas terras morou o pae de meu avô, morou meu avô, morou meu pae, nasci eu e toda esta filharada que o senhor está vendo. Mas o governo um dia entendeu de fazer uma estrada aqui perto; as terras tomaram valor e então o "seu" coronel, lá da villa, veiu e disse que todas estas terras eram delle. Elle mostrou uma porção de papeis velhos... Eu não entendo nada, mas para mim aquillo tudo era mentira. Eu fico, porém, quieto, que é melhor, senão... (baixinho) senão acontece o que está acontecendo com muita gente pobre aqui do sertão... desappareço...

—

Esta foi a conversa que Deodoro ouviu num dia que elle sahiu do Purgatorio para passeiar um pouco, cansado como estava de pensar tanto, "como é que elle fez aquillo".

O engraçado, porém, é que elle voltou muito mais aborrecido, scismando e monologando: "Ora pipocas, seria tambem para isso que eu fiz aquillo ? !..."

CABANAS.

Dr. Geonisio Curvello de Mendonça, nomeado recentemente sub-director do Expediente dos Correios. O acto do governo, nomeando sub-director do Expediente dos Correios o Dr. Geonisio Curvello de Mendonça, foi recebido pelo funccionalismo postal com as mais vivas demonstrações de sympathia. E bem merecidas são taes demonstrações, porque o novo sub-director dos Correios é uma das maiores mentalidades postaes ao par de uma figura proeminente pela sua encyclopedica cultura.

X A D R E Z

Começo hoje a publicação desta secção, que, se Deus quizer e... a Policia permittir, sahirá todos os sabbados. Publicarei sempre uma partida commentada, dois problemas e noticias variadas. Acceitarei collaboração. Para os leitores que se interessem por problemas, haverá uma secção em que serão publicados os commentarios que os mesmos merecerem. As soluções e os commentarios pódem vir sob pseudonymo, para effeito de publicação, mas é necessario que o solucionista declare tambem o seu verdadeiro nome para que o Director da Secção saiba com quem trata. Por solução certa creditarei 2 pontos, por "furo" 3 pontos e por solução errada debitarei 5 pontos.

—

TORNEIO DE SOLUÇÕES — Do Dr. Mendes de Moraes recebi 3 exemplares do excellente livro "Miscellanea Recreativa" que serão sorteados entre os solucionistas que obtiverem o maior numero de pontos, nos 10 primeiros problemas publicados. O prazo para entrega das soluções é o seguinte: Capital, 7 dias e Estados 14 dias.

—

Na segunda quinzena deste mez, teremos um verdadeiro acontecimento no Xadrez Nacional — Serão disputados nada menos que dois Campeonatos: o Brasileiro e o do Districto Federal. O primeiro será jogado entre o Campeão Brasileiro, Dr. João de Souza Mendes Junior e o Campeão do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Manoel Madeira de Ley. Será um "match" interessante em que a technica do Dr. Souza Mendes enfrentará o jogo aggressivo e de combinação do Dr. Madeira de Ley. No segundo, o Campeão do Districto Federal, Sr. Walter Cruz, defenderá seu titulo contra o Campeão do Botafogo, Sr. Octavio Trompowsky. Esse encontro promette ser ardorosamente disputado, dadas as brilhantes qualidades enxadristicas dos adversarios. Vae sahir fogo...

Si o leitor gosta de xadrez e ainda não é socio do Club de Xadrez do Rio de Janeiro, deverá aproveitar a opportunidade da suspensão de joia neste mez, para entrar para o seu quadro social. Frequentando o Club, além de privar com uma sociedade de escól, fazendo boas relações, terá um progresso muito rapido, pois ahi se encontram os mais fortes jogadores Cariocas e o melhor meio de progredir em xadrez é jogar com adversarios mais fortes. Além disso terá ensejo de assistir os Campeonatos Brasileiro e do Districto Federal que se disputarão neste mez, na séde do Club. Terei o maximo prazer em propor os leitores que quizerem se aproveitar dessa opportunidade.

PROBLEMA N. 1

Pretas — Ing. L. Ceriani — 11 Peças

Brancas — Mate em 2 lances — 10 Peças

PROBLEMA N. 2

Pretas — F. Baird — 3 Peças

Brancas — Mate em 3 lances — 4 Peças

PARTIDA N. 1

DEFESA FRANCEZA

BOGOLJUBOW		SAEMISH
P 4 R	1	P 3 R
P 4 D	2	P 4 D
C 3 B D	3	C 3 B R
B 5 C R	4	P x P

Esta defesa começa a ser preferida á classica: 4... B2R; essa, com effeito, offerece maiores occasiões para um contra-ataque

C x P	5	B 2 R
B x C	6	P x B !
C 3 B R	7	P 4 B R
C 3 B D	8	P 3 B D

As negras se precavêm contra o lance P5D que romperia a cadeia defensiva dos peões centraes.

B 3 D	9	C 2 D
D 2 R	10	T 1 C R
O - O	11	R 1 B
T R 1 R	12	B 3 D

As directivas de ataque das negras estão bem patentes e o unico inconveniente de seu jogo é o BD encerrado e a consequente difficuldade de pôr as torres em communicação

C 1 D	13	....

O CD nesta casa não está bem collocado; portanto este lance não póde ser bom, a não ser que se tenha a intenção de collocal-o em outra posição. Esta manobra não se verificou na partida, concluindo-se que o plano concebido foi reconhecido como errado e abandonado

....	13	C 3 B R
D 2 D	14	....

Talvez para impedir 14... C4T ou 4D com a ameaça de 15... C5B. Mas recorrer a expedientes não é boa estrategia. Parecia melhor na posição 14-P4B, C4T; 15-D2B, C5B; 16-B1B e as brancas podiam eventualmente alcançar o rompimento do centro depois de C3R e TD1D.

....	14	P 4 B D
P x P	15	B x P
D 3 B ?	16	....

Certamente um erro. Mas a posição já não é boa. Com 16-D6T ch, T C-17-C5R a partida podia ser defendida por muito tempo.

	16	P 3 C D
D 2 D	17	....

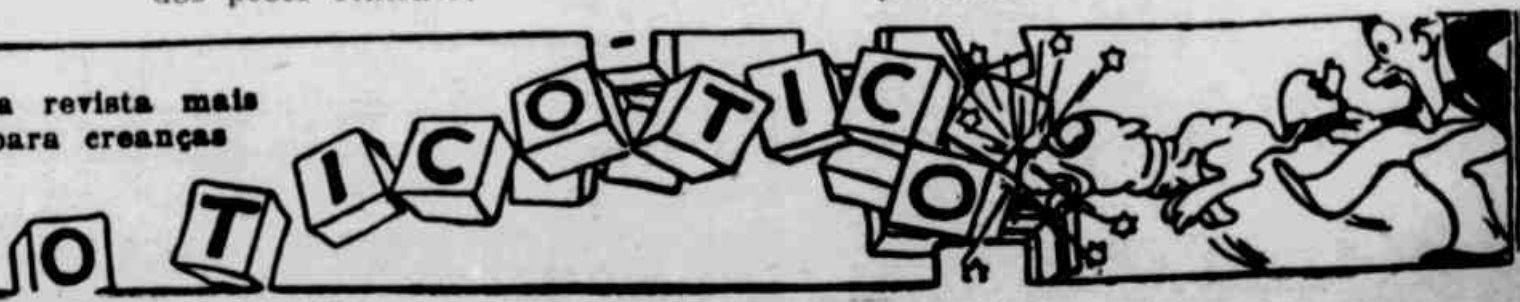
Realmente não se reconhece nesta partida o aspirante ao titulo de campeão mundial. Não era o caso de esperar passivamente o desabar da tempestade; as brancas estão compromettidas, mas com 17-C3R, B2C; 18-B2R seguido o mais depressa possivel de T D 1 D ainda se teria uma pequena probabilidade.

	17	B 2 C
D 6 T ch	18	T 2 C
B 2 R	19	C 5 C !
D 5 T	20	D 2 B
P 3 T R ??	21	C x P
ABANDONAM	22	

—

ROUPA NA CORDA...

DR. A. G. — O AMOR é um caso sério !... O nosso doutorzinho depois que noivou, foi prohibido de jogar xadrez. Será que Mlle. tem ciumes das damas do taboleiro ? Quem sabe...

O amigo L. P. está como uma féra com o xadrez ! Imaginem que Madame já andava com a pulga atraz da orelha, pensando:

— "Qual !... este velho está dando para bilontra... Esse negocio de ir para o Club de Xadrez, servir de Juiz, com uma chuva destas... é tapeação. Não vou nisso... Sacrificio assim... só rabo de saia !..."

No dia seguinte a estas considerações de Madame, o nosso amigo recebendo a visita de um companheiro enxadrista, levou-o para um compartimento isolado e ahi disse-lhe:

— "Arranjei uma "defesa" que é um colosso..."

— "O que ?"

— "Sim... a "Franceza"... "E' muito boa"...

Nesse momento, Madame, que cautelosamente os seguira, irrompe pela sala, com uma bengala na mão, e, sem dar tempo a desculpas, brada:

— "Bilontra ! ! ! Velho descarado !!! Defendendo-se com uma franceza ! ! ! Não me sáe mais de casa..." etc., etc.

Roncou o páo e fechou o tempo...

Qual ! Não se póde ser enxadrista...

—

O O. T. que de raro em raro apparecia no Club, voltou brilhantemente á actividade. Ha dias consegui ouvir uma conversa sua com um dos Directores da Federação.

Explicava o O. P. (Perdôe a indiscreção...)

— "Vocês precisam publicar umas noticias do Torneio que estou disputando. Não é por vaidade que peço; mas o caso é que Madame tem procurado em todos os jornaes, o resultado das minhas partidas e não o encontrando, pensa que eu tenho cahido na "farra"...

Madame, tenha mais confiança no "maridinho" que elle é a prova de fogo...

—

O Dr. J. L. G. na partida jogada contra o L. B. sacrificando um Bispo, consequentemente, "ficou com uma peça a menos"... mas alguns lances depois deu mate.

Segundo a opinião do nosso querido amigo C. P. o referido Dr. "não tem a menor educação enxadristica... pois quem tem uma peça a menos deve abandonar"...

Vamos, de accôrdo com o C. modificar a finalidade do jogo ?... Vamos ?

—

Outro dia, no Club, dois dos mais conhecidos enxadristas cariocas jogavam uma partida amistosa. Sentado ao lado da mesa, o incorrigivel "perú" Dr. B. de O. ao ver um dos jogadores, depois de penoso esforço mental, mover um Cavallo, voltando-se, para a assistencia, observou, com a cara mais innocente deste mundo:

— "Elle está fazendo combinação... "de Cavallo"...

(Terá havido maldade... ?)

—

Toda a correspondencia deverá ser dirigida para Carlos Reis — Redacção do "Para todos..." — Rua do Ouvidor, 164.

Castilhos Goycochêa, que prefaciou o "Testamento sentimental" de Lysandro de Sant'Iago.

QUADRO

"A' minha irmã Nicolina Porto"

A' triste luz da vela agonisante,
Vi sobre o leito em convulsões um dia,
Loura creança, e, ao me fitar gemia.
Quadros de dôr infinda, edificante.

Um olhar de esperança, olhar tocante,
Dos seus globos visuaes resplandecia,
Depois a pequenina adormecia,
Transfigurando o placido semblante.

Alguem sobre o cadaver se debruça,
Entre prantos de dôr, treme, soluça
Nervosamente e pelo sólo cáe !

Epilogo cruel da ingrata sorte...
Num momento fatal de dôr a morte
Rouba tambem o infortunado pae !

SALVADOR PORTO.

OS UNICOS PRODUCTOS PREMIADOS NO ESTRANGEIRO.

A' venda nas boas casas

REVISTAS DE TODO O MUNDO

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura

VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.

MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.

L'ELECTRICIEN — Revista mensal Internacional de Electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial, a melhor revista no genero.

REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios Francezes

LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.

LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.

CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.

LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.

HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pictoresca e autorizada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.

GUTIÉRREZ — Jornal humoristico hespanhol mensal.

EL ECONOMISTA — Revista mensal scientifica, independente, bolsa, mercado, contribuições; mineraes; agricultura, industrias.

MACACO—Jornal das crianças, contos infantis, pintura.

NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.

MUNDO GRAPHICO — Revista semanal, com assumptos esportivos de toda parte do mundo.

LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.

ESTAMPA — Revista graphica e literaria da actualidade hespanhola

MODAS Y PASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.

CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.

PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.

EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.

PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

"CASA LAURIA" — AGENCIA DE PUBLICAÇÕES DE TODOS OS PAIZES AMERICANOS E EUROPEUS.

Casa Lauria — Rua Gonçalves Dias, 78

ADEUS RUGAS

3.000 DOLLARES DE PREMIOS SE ELLAS NÃO DESAPPARECEREM

A mulher em toda a edade póde se rejuvenescer e embellezar. E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL. Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recem-nascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — *Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não acceite substitutos, exigindo sempre:*

RUGOL

Mme. Hary Vigier escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio"...

Mme. Souza Valence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam."

Encontra-se nas bôas pharmacias, drogarias e perfumarias.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS. Escrip. Central: Rua Wenceslau Braz n.º 22 1.º andar. — Caixa 1379. S. PAULO —

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo. Peço-lhes enviar-me pelo Correio o *Tratamento Scientifico para Embellezar o Rosto.*

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA)

Clinica Medica de "Para todos..."

O MYXEDEMA CONGENITO E A OPOTHERAPIA THYROIDIANA

Dois casos clinicos merecedores de referencia, quanto á applicação da thyroidotherapia, foram pelos **Drs. Abel** e **Hermann** communicados á "Societé Medicale de Nancy".

Comprehendia o primeiro caso uma senhorinha de 23 annos que apresentava a feição caracteristica do myxedema: "facies" propria de semelhante enfermidade, infiltração dos tegumentos, volume anormal do abdomen, estatura e peso de creança e marcha executada sempre lentamente.

A enferma vivia num estado desolador: apathica, immovel, quasi sem o minimo vislumbre de intelligencia, ignorando completamente a escripta e a leitura.

Após um longo e meticuloso exame, o criterio clinico optou pelo emprego da opotherapia thyroidiana em dóses reduzidas, variando, entre 5 e 15 centigrammas do extracto feito com a mencionada glandula, as applicações diarias que, mesmo assim, estavam sujeitas a curtas interrupções.

Decorridos seis mezes de tratamento persistente, a enferma revelou notaveis modificações, em seu estado pathologico; o talhe teve o accrescimo de 5 centimetros, os tegumentos estavam menos infiltrados, a physionomia dava signaes de vida, a temperatura permanecia em condições de normalidade, o appetite apparecia e tornava-se habitual, a marcha apressada e até a carreira podiam facilmente ser exercidas, despertava o interesse pelo mundo exterior e a enferma, de bom grado, encetará os estudos rudimentares de leitura.

O segundo caso era relativo a um menino de 10 annos, inteiramente retardado, desde o começo da segunda infancia, o qual ainda não podia falar e somente conseguira iniciar uns passos lentos, depois de exceder a idade de 8 annos.

O enfermo tinha um metro e quatro centimetros de estatura e seu peso pouco excedia a 23 kilogrammas, patenteando "facies" de verdadeiro myxedematoso, extrema lentidão de todos os movimentos, inercia, inappetencia, abatimento profundo, tristeza e falta absoluta de manifestação da intelligencia.

Administrada ao enfermo a opotherapia thyroidiana, foram os resultados muito menos vantajosos do que os obtidos no outro caso identico. A estatura teve accrescimo de 6 centimetros e a "facies" evidenciou aspecto menos typico; porém, os demais caracteristicos pathologicos permaneceram isentos de qualquer modificação.

Os exames realizados sobre o sangue as urinas, o metabolismo basal e as reacções vago-sympathicas de um e de outro enfermo tambem apresentaram apreciaveis differenças.

Com relação ao primeiro caso, o numero de globulos vermelhos do sangue passou de 3.250.000 a 6.300.000 e o numero dos globulos brancos ascendeu de 4.800 a 7.000. As urinas muito escassas e bastantes reduzidas em todos os elementos, principalmente em uréa, augmentaram de volume, logo após o inicio do tratamento, crescendo, da mesma fórma, a porcentagem de seus componentes normaes, bem como a cifra do "coefficiente de Bouchard" que se elevou de 36 % a 52 %. O metabolismo basal subiu de 12 calorias a 55. E é conveniente ficar assignalado que todas as cifras, verificadas pela observação, correspondem exactamente áquellas que se encontram entre as creanças de 5 a 10 annos, em plena phase de crescimento.

Antes de applicada a opotherapia thyroidiana, o reflexo oculo-cardiaco apparecia sempre francamente positivo, havendo grande tolerancia á adrenalina, ao passo que o emprego da pilo-carpina, em regra, provocava reacção muito forte. Realizado o tratamento, o pulso que era frequente, ficou instavel, sendo menos influenciado pela compressão ocular. A adrenalina produziu viva reacção, succedendo o contrario com a pilocarpina. E a vagotonia appareceu com algumas attenuações apreciaveis, bastante mitigada por effeito da tendencia para a sympathicotonia.

Quanto ao segundo caso, o numero de globulos vermelhos cresceu de 4.100.000 a 5.220.000 e o numero de leucocytos subiu de 5.500 a 6.600. A secreção urinaria melhorou um pouco. O metabolismo basal augmentou consideravelmente. E a vagotonia, existente antes do tratamento, foi, como no primeiro caso, amenisada pela tendencia para a sympathicotonia, logo após a acceleração do pulso.

Vê-se que, no primeiro caso, as melhoras da enferma foram demonstradas pelos varios signaes, inilludivelmente comprovadores; e que, no segundo caso, a acção therapeutica não foi além de um esboço animador, limitando ao equilibrio das funcções vegetativas.

As conclusões que se impõem ao nosso raciocinio, após o conhecimento das duas observações de **Abel** e **Hermann** são de inteira concordancia com o methodo thyroido-therapeutico, ensaiado no tratamento do myxedema congenito.

CONSULTORIO

T. B. (Queluz) — Internamente use: "Phagurys" — oito capsulas por dia, tomadas espaçadamente. Faça, de 3 em 3 dias, uma injecção intra-muscular com a "Proterceine" (5 centimetros cubicos). Faça grandes lavagens diarias, pela manhã e a noite, com o permanganato de potassio — 30 centigrammas para dois litros dagua morna, de cada vez.

A. C. F. (Nictheroy) — Deve usar: Aniodol interno 2 grammas, tintura de cascarilha 3 grammas, tintura de condurango 4 grammas, xarope de hortelã 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro — meio calice de 3 em 3 horas.

GEISHA (São Paulo) — A mamãe deve usar, depois de cada refeição principal, 10 gottas de "Philogyno", num calice dagua assucarada. Para, por semana, 3 injecções intra-musculares, com a "Vanadarsine". De duas em duas noites, no momento de se recolher ao leito, usará um ovulo de thigenol opiado. No intervallo de uma applicação do ovulo á outra, empregará: laudano de Sydenham 5 grammas, ichthyol 30 grammas, glycerina neutra 300 grammas — uma colher (das de sopa) para um irrigador cheio dagua morna, em lavagens diarias, pela manhã e á noite.

L. I. N. A. (Cataguazes) — O impaludismo, conforme a exposição feita em sua carta, se nos afigura ter abandonado o campo de acção. Basta usar: arrhenal 60 centigrammas, gottas amargas de Beaumé 1 gramma, tintura de genciana 5 grammas, extracto fluido de kola 10 grammas, glycero-phosphato de calcio 15 grammas, vinho de quinium Labarraque 1 vidro — um pequeno calice depois de cada refeição principal. Use tambem, no momento de se recolher ao leito, uma capsula de "Fermentóse".

M. G. (Paranaguá) — Não é caso para ser interpretado á distancia. Sómente o exame directo poderá indicar o tratamento.

E. R. S. (Campos do Jordão) — Evidentemente é um remedio secreto, sobre o qual nenhum medico poderá ter opinião favoravel.

DR. DURVAL DE BRITO.

Velha mangueira

(CONCLUSÃO)

longado e agudo de um carro de lenha pelo sulco de uma estrada distante a continuar vagaroso a marcha interrompida, ao passo pesado e lento das "juntas".

Já o coração da mestiça serenara; beijos de afago animavam a creança...

Olhou em redor... Reconheceu o plaino do campo, a bocca da matta e a arvore da estrada !...

Sim, era ali; fôra ali — lembrava-se agora !...

Procurou com o olhar, por entre as letras e as datas gravadas no tronco...

Algumas, já as apagara o tempo... As suas, porém, lá estavam, ainda as mesmas: um "P" e um "E"... Fôra ali, sim; fôra ali — "Pedro" e "Emilia" — em monogramma tosco de amor...

Era ali, ali mesmo; fôra a primeira entrevista mais intima, fôra o primeiro beijo... De tarde — linda, suave aquella tarde !... S. João batia trindades e andava no ar pios tristes de rôlas... O som do sino vinha até elles, como os abençoando... Fôra ali, sim; lá estavam as letras, ainda fundas, ainda gravadas...

Beijou o tronco; encostou á casca nodosa os labios do filho e ao partir, ao desapparecer na curva distante, voltou, grata, o olhar... Nobre, doce arvore amiga que déste o abrigo para o primeiro filho... Velha mangueira solitaria e tranquilla, arvore agasalhadora de bondade e de paz, á bocca umbrosa de uma matta espessa e á margem quieta de uma estrada triste...

LINA CAMPOS

O lobishomem

(CONCLUSÃO)

lhe a faca mesmo com vontade. Nisto ouvi um grito horroroso, que me fez arrepiar os cabellos.

— Não me mate, "seu" Targino ! Não me mate que eu sou a Joanna do padre Francisco.

Era a Joanna mesmo, minha gente. Estava diante de mim núa em pello, suja de terra, com o sangue a escorrer de uma facada do lado esquerdo. Eu tinha desencatado a "bicha"...

— E depois ?

— Depois a Joanna confessou-me tudo. Era castigada por ser amiga do vigario, ha muitos annos. Todas as sextas-feiras, houvesse o que houvesse, tinha de cumprir aquella penitencia; sahia de casa, á meia-noite, e quando chegava a uma encruzilhada, tirava a roupa e espojava-se no chão como uma besta. Immediatamente virava um bicho feroz e partia a galope para correr as cinco partes do mundo, até o dia clarear. Só de manhãzinha voltava a ser gente. Mas, agora, ficara livre de tudo, porque eu havia quebrado o encanto...

— Isso não foi sonho, "seu" Macedo? — perguntou um gracioso.

— Sonho ? Eu tambem pensei que fosse quando acordei no dia seguinte. Mas, logo me convenci de que tudo era a pura realidade. Fui á casa da Joanna e encontrei-a muito doente, estirada numa rêde. Dizia ella ás mulheres que lá estavam que lhe tinha dado uma dôr de repente, numa costella, do lado esquerdo...

Mas, a mim, quando ficamos sós, pediu-me pelo amor de Deus, por alma de minha mãe, que não dissesse nada a ninguem. Jurei. E só agora, depois que ella e o padre já estão com os ossos brancos, é que eu me atrevo a contar a historia...

Acabou, triumphante. Tomou o seu copinho de cachaça e sahiu, tropego, apoiando-se á bengala.

— Cabra velho mentiroso ! — disseram os outros em côro, mal o viram pelas costas.

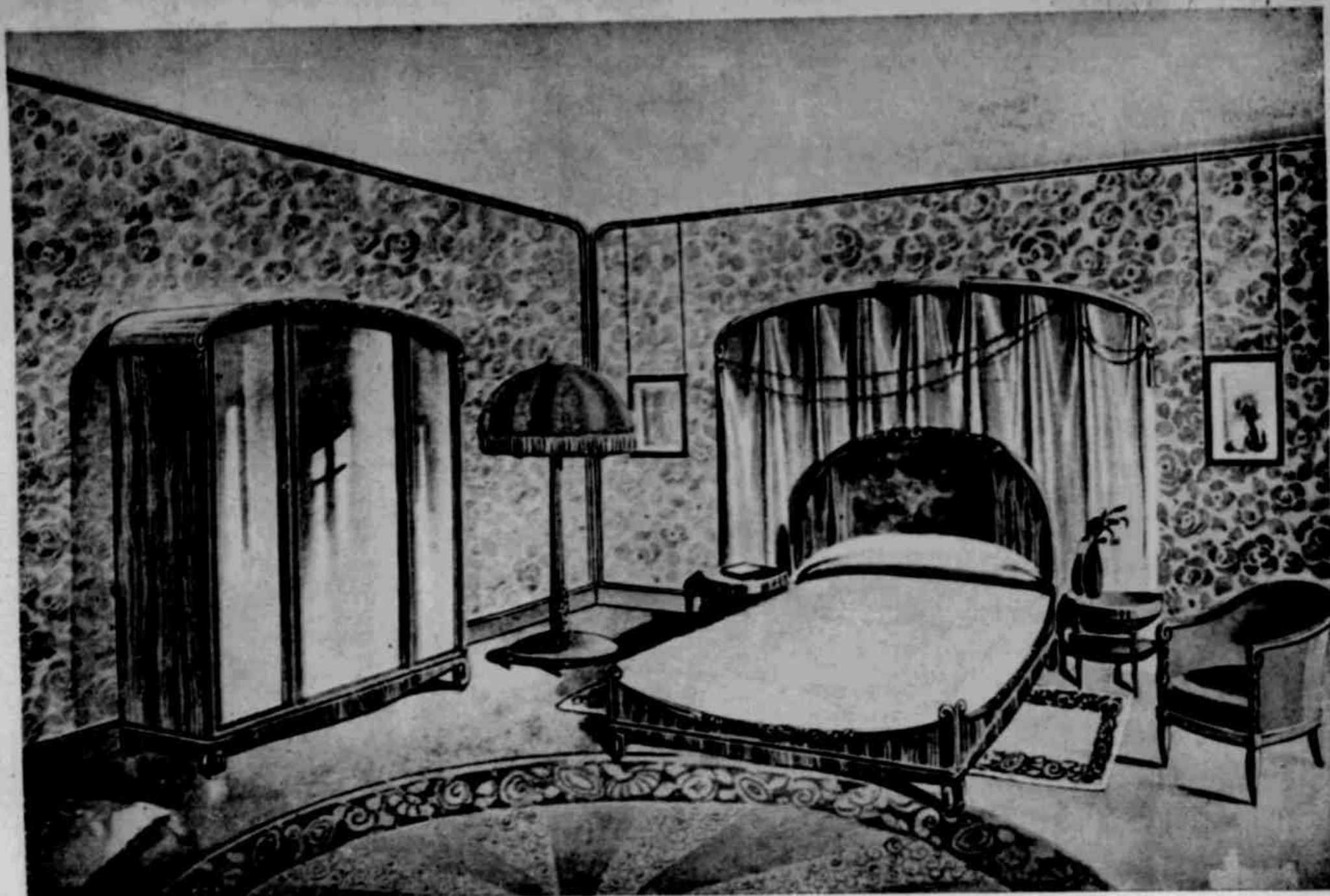
— Mentiroso, sim, lá isso é — sentenciou "seu" Bento, gravemente — Mas, ninguem me tira da cabeça que, desta vez, o Macedo se esqueceu de mentir... Se essa historia não é verdadeira, já vi coisa parecida...

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje.

Directoria da Associação Brasileira de Pharmaceuticos, empossada em 20 do corrente: Paulo Seabra, presidente; Virgilio Lucas, vice-presidente; Ed. Silva Araujo, orador; Alvaro Varges, secretario geral; Jayme Gomes da Cruz, 2º secretario; e Abel de Oliveira, 1º secretario. Ao centro, sentado, o presidente de honra, Sr. Orlando Rangel

Duas das mais votadas no concurso de belleza que "A Gazeta" de São Paulo promoveu para a grande prova "Miss Brasil".

Outras das mais votadas no concurso de belleza que "A Gazeta de São Paulo promoveu para a grande prova "Miss Brasil".

Linda Oriental
Violonista uruguaya que tem feito successo em São Paulo com as suas musicas typicas.

Mobiliarios de estylo

Tapeçarias finas

Decorações modernas

65 — Rua da Carioca — 67 — Rio

Officinas Graphicas d' "O MALHO"